



Organização:
Nágila Oliveira dos Santos
André Luiz S. Silva

BAOBÁS DE CONCRETO

revista
afrikania
de africanidades

BAOBÁS DE CONCRETO

COLETÂNEA DE CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS

COLEÇÃO TERRITÓRIOS LITERÁRIOS

ORGANIZAÇÃO
NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS
ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS SILVA

BAOBÁS DE CONCRETO

**COLETÂNEA DE CONTOS, CRÔNICAS E
POEMAS**

revista **africa**
QUISSAMÃ - 2022

Baobás de concreto: coletânea de contos, crônicas e poemas

Copyright © 2022 Revista África e Africanidades

Todos os direitos reservados a editora Revista África e Africanidades e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Direção Editorial: Nágila Oliveira dos Santos

Projeto Gráfico e Diagramação: Nágila Oliveira dos Santos

Revisão: Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Ilustração: FreePik

Capa: André Luiz dos Santos Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

869.3

B221 Baobás de concreto : coletânea de contos, crônicas e poemas / organização, Nágila Oliveira dos Santos e André Luiz dos Santos Silva — Quissamã : Revista África e Africanidades, 2022. 168 p. ; 21 cm. (Coleção Territórios Literários v.4)

ISBN 978-65-84913-09-7

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Angolana 3. Literatura Guineense. 4. Literatura Afro-Brasileira. I. Título II. Santos, Nágila Oliveira. III. Silva, André Luiz dos Santos

André Luiz dos Santos Silva – Bibliotecário – CRB-7/7045.

Editora Revista África e Africanidades

Rua Ângelo Silva n. 288 casa 01 - Alto Alegre – Quissamã

RJ/ CEP: 28.735-000

E-mail: editora@africaeaficanidades.com.br

www.africaeaficanidades.com.br

Cursos EAD: <https://ead-africaeaficanidades.maestrus.com/inicio/>



SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
Plínio Camillo	8

BAOBÁS DE POESIAS

ALINE DA SILVA CAMPOS	18
Traços de amor e África	18
A menina e a revolução de si	19
ANDRÉA OLIVEIRA DA SILVA COSTA	20
Identidade	20
ANDREIA VIANA DA SILVA DINIZ	22
Pretas palavras	22
BENEDITA LOPES	23
Eu sou	23
A negra flor do asfalto	24
O asfalto entende do avesso das coisas	25
CECÍLIA PEIXOTO	26
Entre a beleza e a exclusão	26
Porvir de igualdade	27
FABIANA FERNANDES DE CAMPOS	28
Coragem	28
Cor da noite	29
FERNANDA LUÍZA	30
Um pai amado	30
GILDA PORTELLA	31
Quem somos	31
Jardins ancestrais	32
(Re)Nascer.....	34
HELENA MONTEIRO	35

Anastácia.....	35
Infância flor.....	36
Poemem-se.....	37
ISABETE FAGUNDES ALMEIDA.....	38
Ordem e progresso.....	38
Sociedades modernas.....	39
JANAÍNA NERY.....	40
Dois mundos.....	40
Cotas sim!.....	41
LEÍZE MACIEL.....	42
Ah! Nós os bestiais!.....	42
LUCIENE AMOR ESPIN DE JESUS.....	44
Versos, pão e favela.....	44
Preta da Maré.....	46
MARCELA VASQUES.....	47
Medo.....	47
Eu não consigo respirar!.....	48
MARIA APARECIDA LISBOA.....	50
Negritude.....	50
Pandemia.....	51
NEGRA ÁUREA.....	52
Consciência da mulher negra.....	52
A melanina tem magia.....	53
NEGRA LUZ (CLAÚDIA ALMEIDA).....	55
Os pretos sabem.....	55
Pudim e Racismo.....	57
Longe do meu quilombo.....	59
Havia um menino preto que queria ser.....	61
ROBERTA RENOIR.....	63

Mulher preta: eu posso	63
NÂNDRA REVIÇAO	65
Uma inspiração de mulher	66
SONALÍ SOUZA	68
Cria da Baixada	68
THAÍS ALESSANDRA	69
Fora dos padrões	69
Punhalada	70
(In)diferentes	71
THAÍS COSTA	72
Diário de uma mulher: parem de nos matar	72

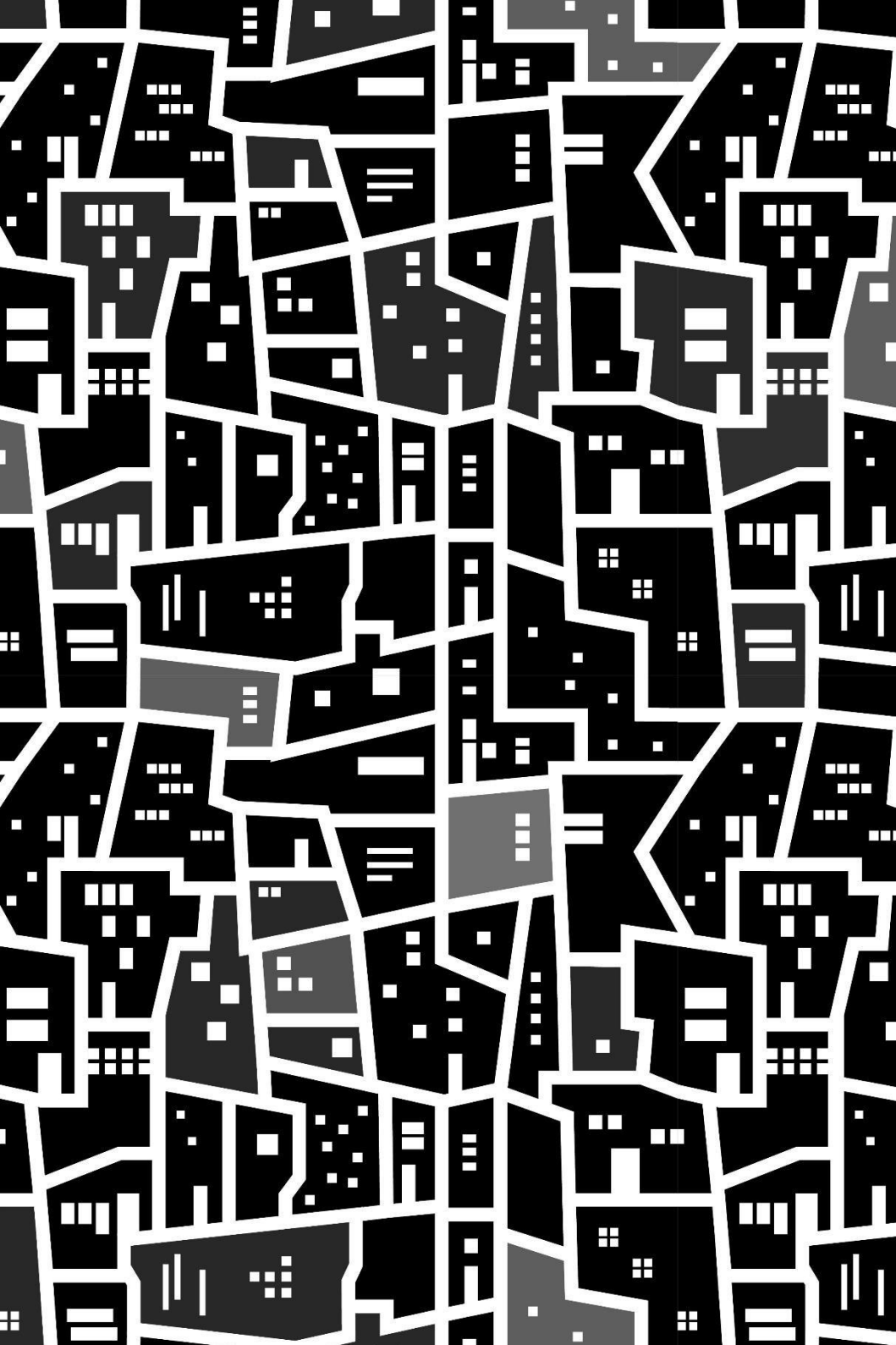
BAOBÁS DE CONTOS E CRÔNICAS

ALEX PEREIRA DE ARAÚJO	76
O sumiço do dinheiro dos Ibeji.....	76
ALINE BOTELHO	80
Aos olhos de Dandara.....	80
AUGUSTA SANTO	82
Sara, a menina dos olhos	82
BENEDITA LOPES	89
Caminhar com Nanã	89
A sabedoria do baobá.....	90
DONETA FRANCISCO ANTÔNIO	91
Mãe quitandeira	91
Malambas da vida.....	94

GLÁUCIA BISPO	34
A face cínica do racismo.....	96
ELISABETE NASCIMENTO	100
O baobá do Quilombo do Grotão	100
ESMERALDA RIBEIRO	104
A visita	104
O jovem, o cachorro e eu	106
FERNANDA LUIZA	107
O inferno	107
GIOVANNA FERNANDES	108
História para meninas pretas	108
HONÓRIO LIMA NANQUE	112
Os polegares falhados	112
JANAÍNA DE AZEVEDO CORENZA	116
Rosa preta	116
LETÍCIA MACEDO FIGUEIREDO	119
Meu processo	119
MARIANA FERNANDES DOS SANTOS	123
Memórias de um furto	123
MICHELLE VILLAÇA LINO	125
Dandara não pode parar!	125
NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS	ERRO! INDICADOR NÃO
DEFINIDO.	
Cadê Maria?	Erro! Indicador não definido.
RAI SOARES	133
Memória doce	133
ROSANGELA NASCIMENTO	137
O baobá encantado	137
ROZANA NASCIMENTO	140
Cheiros e cores de res(ex)istência	140
SOLANGE SANTANA	144

Antes do sol	144
Em busca do sol	145
VIVIANE PENHA	147
O que cabe num abraço?	147
YARA SEREYA	149
Pega visão _____	149
Cidade das mulheres	152
SOBRE AUTORES E AUTORAS	155





PREFÁCIO

NOVO RUMO!

*"Negro preto cor da noite",
nunca te esqueças do açoite
Que cruciou tua raça.
Em nome dela somente
Faze com que nossa gente
um dia gente se faça!
Lineu Guedes*

Agradeço àquelas e àqueles, sequestrados, que abriram os nossos caminhos desde as Áfricas.

Agradeço àquelas e àqueles que, com nomes outros, domaram a língua e a escrita dos sequestradores

*De Esperança Garcia à Gilka Machado
De Luiz Gama a Carlos Assumpção
De Maria Firmina dos Reis à Conceição Evaristo
De Lima Barreto a Oswaldo Camargo
Carolina de Jesus à Ruth Guimarães
Francisco de Paula Brito a Abdias do Nascimento*

Também recordo aquelas e aqueles que pensam nessa Literatura de autoria preta

*De Cátia Cristina Bocaiuva Maringolo à Conceição Evaristo
De Adriano Moura a Eduardo de Assis Duarte*

... e aqui, agradeço àquelas e àqueles que fazem acontecer em papel, *Nágila Oliveira dos Santos e André Luiz dos Santos Silva*. E àquelas que fazem do sangue poemas e prosas

A literatura de autoria negra, que temos o prazer e dever de degustar, está em construção. Ela abarca diversos nomes, Negro-Brasileira, Negro, Afro-Brasileira.

Como afirmam *Cátia Maringolo e Laísa Marra*: O conceito de literatura afro-brasileira, afrodescendente, afrodiaspórica ou negra está em ascensão desde a década de 1970, mas ainda não foi completamente institucionalizado e permanece em tensão, reflexo dos próprios debates étnico-raciais dentro e fora da Academia. Essa tensão é tanto interna – como denota a multiplicidade de nomenclaturas e de polêmicas – como com o campo, este sim estabelecido, da literatura brasileira.

Que importa sim, pois demonstra a nossa variedade, nossas diferenças de pretos ser.

Pretas pensadoras e negros pensadores analisam e discutem, “no entanto, eles são considerados ainda como conceitos e noções que se encontram em construção e desenvolvimento. A literatura afro-brasileira se constitui em materiais que apresentam temas, linguagem, autores nas mais diversas áreas (sociologia, arqueologia, antropologia, religião, romance, história, ensaios, romances), abordando temas (escravatura, imigração, religiões, etc.) que realçam e buscam um ponto de vista ligados à afrodescendência visando o resgate de ideais, costumes e história da influência africana nas diversas áreas da cultura afro-brasileira.”

Essa literatura, feita de pretos-poemas e prosas-negras que irão ler, busca valorizar as heranças afro e afro-brasileiras.

Como também nos orienta o professor Eduardo de Assis Duarte, essa antologia, essa coletânea demonstra em várias camadas e matizes a *incorporação da experiência do negro no texto literário*.

Negro na primeira pessoa como vocaliza sempre Cuti (Luís da Silva, escritor e pensador)

Ele, Cuti, realça, entre as linhas e os versos que lerão, " não é só uma questão de pele, é uma questão de mergulhar em determinados sentimentos de nacionalidade, enraizados na própria história do africano no Brasil e na sua descendência, trazendo um lado do Brasil que é camuflado. Vemos hoje que se fala muito de Palmares, de questões raciais, da história do negro no Brasil, mas se fala muito pouco com relação aos sentimentos dos negros."

Esses parágrafos negros e essas estrofes pretas ampliam, nos inclui, nos admira, nos faz querer mais, nos faz ser mais.

Demonstra como estamos escrevendo em muito boa companhia.

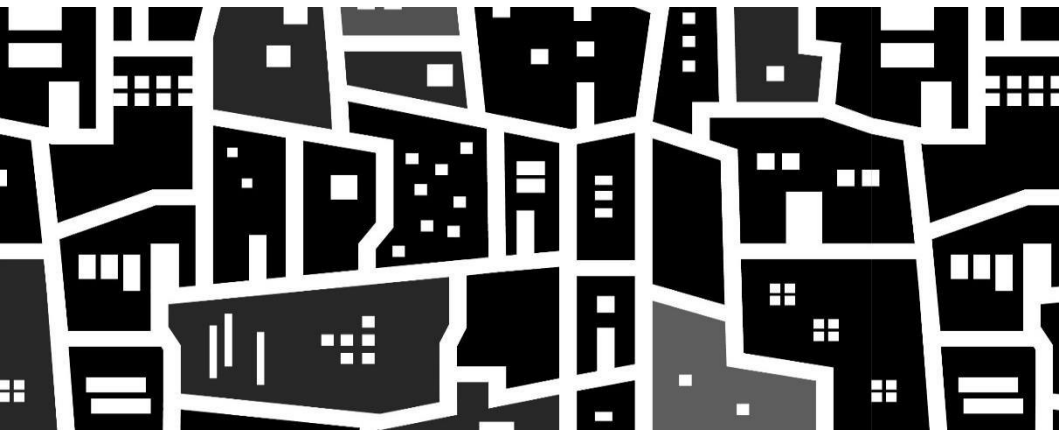
Veremos, em letras, várias peles pretas, várias histórias negras, raízes africanas e afro-brasileiras rompendo os concretos de hoje, harmonizando com os momentos atuais, ousando recontar o futuro.

Boa Leitura!

Ubuntu!

Plínio Camillo

Escritor finalista do Prêmio JabUTI/2022 com a coletânea *Pretos em Contos* – Volume 2

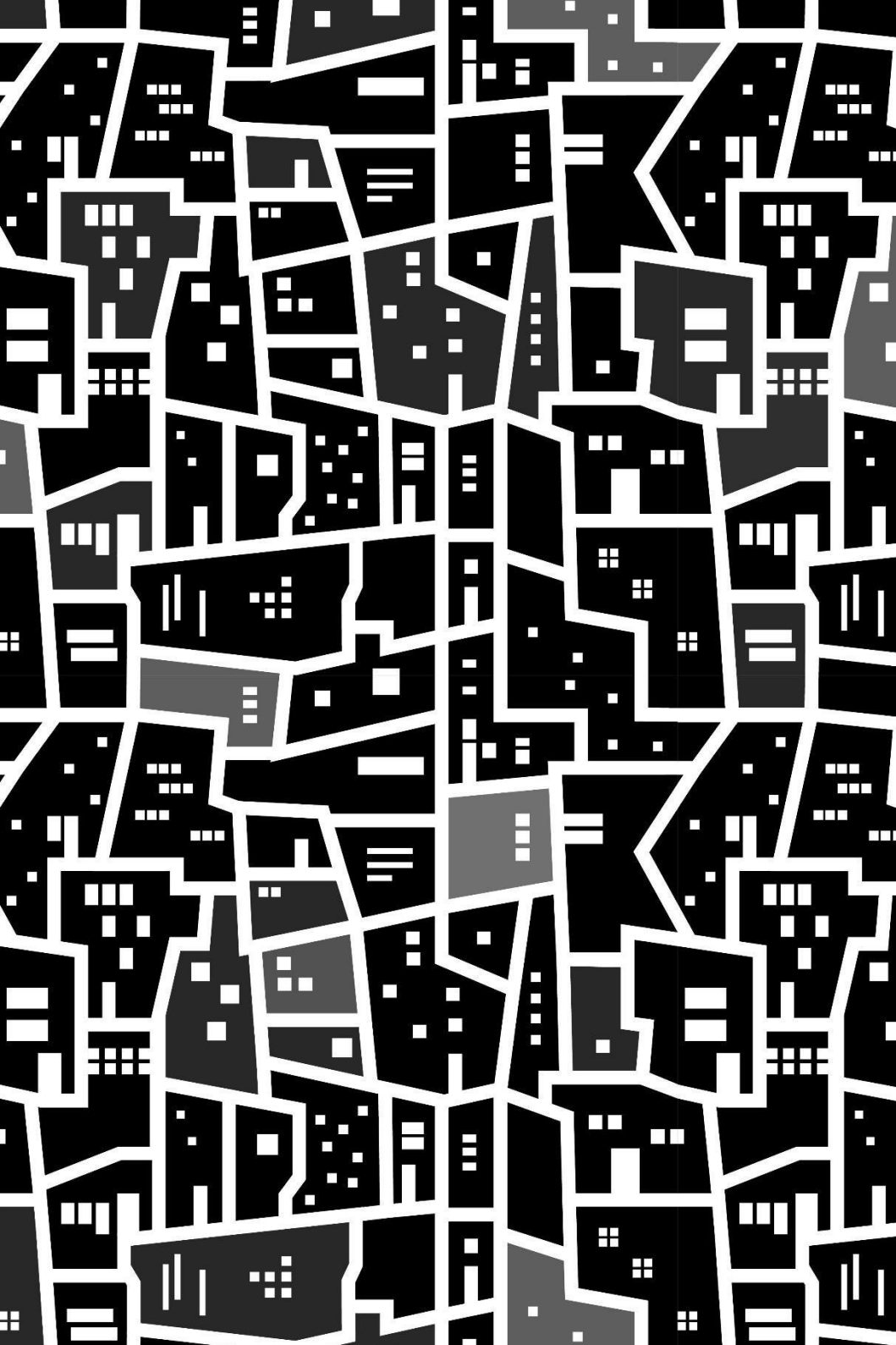






BAOBÁ-POESIA





ALINE DA SILVA CAMPOS



Traços de amor e África

Teus traços têm cor de África...

Tua boca é grande, carnuda, concreto.

E que se concretiza nos meus pensamentos mais insanos...

... Ora doces feito caju, ora impuros, feito nossos olhares mais profundos.

Teus olhos fecham, mas eu ainda consigo ver o castanho deles.

Teu corpo se abre, mas dentro eu só vejo as coisas mais loucas. Um caos!

Mas, a verdade é que você é... E eu também

A menina e a revolução de si

"Menina,
Não se esqueça...
[...] 'Revolução e pretitude é bom',
Seu povo, desventurado...
Não escolheram esse sofrimento, você também não escolheu,
é claro.
E quem é que na sua sã consciência escolhe sofrer, não é
mesmo?
Tudo isso, e mais um pouco, é um sistema profundo e
complexo que lhes foi condicionado...
Mas você, só você, tem a alternativa...
De se conectar com suas forças, seu povo, sua ancestralidade.
[...] e se tornar, assim como eles, que foram apagados da
história... um exemplo de **REVOLUÇÃO**."

**ANDRÉA OLIVEIRA DA SILVA
COSTA**



Identidade

Como posso descrever aqui
Todas as angústias que existem dentro de mim?
Angústias essas que só se revelam a mim.
Falo da angústia que explode pela percepção do perigo
externo
Uma fala mal dita/maldita ou não dita
Ou somente um olhar que quer me invisibilizar.
Aí penso em toda trajetória percorrida até aqui...
Retorno aos estudos, nível superior aos 30 anos de idade.
Lutando para pagar a mensalidade e materiais acadêmicos
Dedicar-me com toda força àquilo que acredito.
Na defesa de garantia de direitos.
Minha profissão?
Assistente Social, promovendo a mudança social.
Passados 15 anos, a minha luta por garantia de direitos se
mantém diariamente
Na luta/denúncia desse sistema capitalista
Sistema que insiste em impor a desigualdade social.
Nessa luta sigo eu
Mulher, Negra, Mãe Atípica, matando tranquilamente um leão
a cada dia?????
Claro que não!!!!

A cada instante

Quando entro em uma loja de “grife” e nenhuma vendedora branca vem me atender

Quando utilizo indumentárias da cultura afro-brasileira Todos me observam com estranheza nos espaços onde ocupo/luto.

A sociedade quer “esconder minha beleza”,

Ah!!! Sou bela SIM!!!

Beleza singular e identidade própria.

Enquanto isto, eu no meu cotidiano,

Sigo construindo e valorizando minha identidade, minha (re) existência

Na condição de mulher negra.

Assim me sinto como o baobá construindo raízes africanas para os meus.

Assim me sinto como o baobá legitimando um legado deixado por meus ancestrais.

ANDREIA VIANA DA SILVA DINIZ



Pretas palavras

Pretas palavras me brotam
E já não ficam mais à boca
Pretas palavras me rasgam
De cima a baixo
Pretas palavras transbordam
Fazendo fenecer a soberba da ignorância
Mesmo que aos poucos
Pretas palavras me fervem as entranhas
Exigindo que meu corpo venha defecar
A mediocridade das ideias equivocadas da opressão
Pretas são as palavras
Há anos guardadas
Trancadas
Contidas
Reprimidas
Silenciadas
Temendo incomodar aqueles tantos
Que com suas correntes e mordças nos oprimem
Com suas chacotas e suas chibatás
Com suas piadas
Seus olhares
Suas risadas
Seu desprezo
Seu desespero
Pela manutenção de privilégios
cruelmente adquiridos.

BENEDITA LOPES

Eu sou

Eu sou a mulher crucificada
Eu sou o homem abatido
Eu sou a transexual estraçalhada
Nós somos o povo preto pobre
Alvo do seu aniquilamento

Eu felina defendi minha cria
Eu feroz reivindiquei trabalho
Eu afável transcendi meu gênero
Nós somos por nós
Meta de vida em construção

Eu terra-ventre
Eu universo-pai
Eu afeto-embrião
Nós somos Palmares
Ressureição!



A negra flor do asfalto

O asfalto sabe da Flor Baobá
A Negra Flor do asfalto
Tateia o solo fértil
Planta o justo

O asfalto entende do avesso das coisas
A Negra Flor do asfalto
Apanha a dor
Não a flor

O asfalto sabe da flor Baobá
A Negra Flor do asfalto
Defende a cria
Clama por respeito

O asfalto entende do avesso das coisas
A Negra Flor do asfalto
Recebe o horror
Não a flor

O asfalto sabe da Flor Baobá
A Negra Flor do asfalto
Cultiva do feminismo
O afeto

O asfalto entende do avesso das coisas

A Mulher Negra Flor do asfalto
Colhe o estupro
Não a flor

A Negra Flor do Asfalto
Sabe do asfalto a liquidez da terra
Entende do asfalto a concretude d'alma
E que no avesso da semente
Arar a mente
Macerar o coração
É preparo de Revolução.

CECÍLIA PEIXOTO



Entre a beleza e a exclusão

A escuridão da noite é o cenário
A lua e as estrelas são indiferentes
Entre a modernidade da cidade e a periferia
A plenitude, na realidade é só fantasia.

Subidas íngremes, labirintos habitados
Reentrâncias de minúsculas moradas
A cidade submissa aos seus pés
Ledo engano, são apenas ralés

Ao longe, som de ondas que quebram
Tapete prateado de espumas se desfazem
O vento frio envolve a madrugada
Testemunha como a vida é banalizada

O breu, o vazio, confusões, gritos
Além do som do mar, vários estampidos
O medo, milícias, impotência, mediocridade
Egoísmo e ganância corrompem a humanidade.

Os habitantes, os mesmos atores da exclusão
Enredo protagonizado por pretos na História
Belas paisagens, escolas de samba glamorosas
Entre beleza e exclusão, vive a cidade maravilhosa.

Porvir de igualdade

Não entendo o choro imbecil de desculpas
Das almas alucinadas do conservadorismo.
Outono com folhas de sofrimento e dor
Tempos sombrios tal castelo de horror.

Pensamentos perdidos em interrogações
O que justifica as divisões da Humanidade?
Reinvenção de um preconceito secular!
Ainda no século XXI, queremos direito de respirar.

Para precaver espectros discriminatórios
É preciso estratégias de resistências.
Marchas de denúncias, uso da legislação
A cor não anula a integridade de um cidadão.

Agoniza a miséria da pseudoverdade
Sismos nas bases da sociedade odiosa
Surgirão raios luminosos do poder da igualdade
Nas asas de borboletas azuis a invadir a cidade.

**FABIANA FERNANDES DE
CAMPOS**



Coragem

O que a vida quer da gente é coragem
Coragem para seguir adiante mesmo
Sentindo que a diferença se encontra
Por diversas vezes sobre o tom da pele
As marcas da desigualdade
Num olhar preconceituoso
Na forma como um negro é tratado
O que me afeta é falta de afeto
Falta de oportunidade de emprego
E de condições de estudo
Sonho com o dia que empunharemos livros
No lugar de armas de fogo
Rogo pelo fim da escravidão
Ainda que tardia, luto contra a apatia
A educação é a chave
Para abrir as portas do conhecimento
Romper barreiras e muros de concreto.
Ano após ano de esquecimento.
Construir pontes ao invés
De barricadas na favela.
Somente assim, de fato, seremos livres.
Solicito permissão para parafrasear Caetano e Gil

Ou então continuaremos vivendo
Como se aqui fosse o Haiti
Mas presos são quase todos os pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão
pobres
E pobres são como podres
E todos sabem como se tratam os pretos.

Cor da noite

Sou um corpo negro
Em movimento
Cor da noite
Carrego minha identidade
Nos cabelos
Nos traços da face
A cada fase da lua
Sou uma
Tome cuidado com a noite
Sobre ti ainda repousa
O véu do suspeito
O açoite ainda existe
Mais velado, disfarçado
Talvez camuflado
Como a lua que te espia
Observa seus passos
Enquanto caminhas.

FERNANDA LUÍZA

Um pai amado



Meu pai
era inventor, mas
o confundiram
com um contraventor

Era engenheiro,
mas, o dinheiro
Não o protegeu
do tiroteio

o asfalto frio e impiedoso
teve os ladrilhos
de rubro
pintado

Se foi de mim
Sem nenhum pretexto
Sangue-carmim
É preto

GILDA PORTELLA

Quem somos

Pandemia rasgou fundo
A tez encurtando vidas
Escrevivências de *Corpus Pretus*
Vozes negras recitam, cantam
Lamentam as balas cravadas
Os soterramentos e alagamentos
Atabaques rememoram
Sagrados espetáculos
Flup homenageia
Trajetórias periféricas
Histórias de luta
Muitas de nós
Reafirmam Quem Somos
Da ponte pra cá
Momentos coletivos
Poética relembra que
Nossos passos vêm de longe
Presente semeia
Tempo de liderança feminina
Nos Cadernos Negros
Memória celebra ancestralidade
Conquistas e afetividades
África e Africanidades
Sensibilidades potentes



Não fogem à luta
Re(e)xistências
Vidas Negras importam
Casa Sueli Carneiro
Feminista Geledés
Combate racismo e sexismo
Promove e valoriza
Mulheres negras

Jardins ancestrais

Ecos das lágrimas da flor do maracujá
Ferrugem que corroem as árvores
Destroem memórias
Veneno medo relembra tristezas
Lamúria do atabaque mergulha na paz
Êxtase celebra insensatez
Ergue paredes nuas trancadas
O vento tremulava tradição
Cúmplices óleos essenciais
Pergaminho elemento de ardor
Mulheres serviam de espelho
Grinalda rasga fígado e bica pulmões
Instinto de posse, fúria pelo hímen
Minhoca com asas de águia
Dobradiça da porta ranger
Inquietação fermenta no peito
Simplificações induz acidez espasmo dor

Baobás de Concreto

Analgésico antídoto das frases quebradas
Desejo de criar áspero como crina de cavalo
Atrelar penas e pinceis e talhar o mundo
Tocha pra iluminar a superfície d'alma
Expõem coisas enterradas
Ancestralidade
Mentes incandescentes e indivisas

GLÁUCIA BISPO

(Re)Nascer



Da minha cabeça
Insurgi potente:
Anelados crespos
Resistentes!

Quando avistados,
Ódio e amor
Despertam dor.

Ódio pela sua expansão,
Seu volume causa aversão.
Prende, amarra!
Gritarão.

Amor pelo seu florescer,
Crescente ao céu,
Mostram o seu poder.
Solte! Balance!
Vão dizer.

Desabrocham folhas e flores,
Curando choro e dor,
Lembro-me de quem sou
Por mim sinto mais amor.

HELENA MONTEIRO



Anastácia

Eu, Anastácia, resisti
a olhares-cochichos
de que a Universidade
não seria meu lugar
de que deveria trabalhar de babá
ou empregada doméstica
esses sim, seriam meus “lugares”
o tom da minha pele
os cabelos frisados
exalam cheiro de creme barato
a sandália rasteira
comprada em camelô
destoava dos mocassins
das alunas abastadas
em meio ao silenciamento dos professores
revisto-me do desejo de cuspir nos algozes
e inspiro-me na voz da minha avó paterna
pulsante
recordo o andar da minha mãe,
cansado,
pelas lavagens diárias
de roupas
relembro os sessenta anos do meu pai
e sua bravura em capinar em terras arrendadas
com o sorriso nos olhos a nos lançar

esperança
reverencio os ancestrais
o batuque dos tambores aos *Orixás*
canto que virou grito estandarte diploma
ante olhares dos opressores
me revesti de flores dos Baobás

Infância flor

Te quero pura
nua inteira
negra a sorrir
em meus braços
de Mulher-Mãe
que me tornei
quero te regar
roseira mais bela do meu jardim
flores dos baobás a se espalharem
através dos tempos ventos e temporais
dias sóis girassóis
outros flor de muçambê
és herança, corpo, sabedoria
que verte leite e mel
alimenta vida e alma
repouso dos beija-flores
encanto dos pirilampos
que reluzem, eternamente!

Poemem-se

Baobás poemem-se
Saboreiem seus devaneios
Afaguem suas ilusões
Ousem um levante
Dos pensamentos
Dos corpos-negros
pela solidão que nos arrasta
pela falta de colo e amparo
pelas marcas do racismo velado

Baobás poemem-se
Perante raios das alvoradas
O chá de erva cidreira
O banho de jasmim
No balanço da rede
No canto da passarada
Na contemplação do crepúsculo
No azul celeste
A bordar estrelas

ISABETE FAGUNDES ALMEIDA



Ordem e progresso

O progresso chegou, invadindo as matas.
Desmatamentos, queimadas!
Não respeitou seus habitantes
Povos originários
Territorialidades invadidas
Vidas perdidas
A ordem é o massacre, extermínio.

As cidades não acolheram os indígenas
Negaram suas identidades culturais
Tentaram civilizar!
Povos isolados, vulneráveis, banalizados.
Vivendo em beira de estradas
Sem direitos à terra, sem direitos a nada.

Sociedades modernas

Em vários sertões contidos nos aquilombamentos
Há memórias e resistências
Alianças para a sobrevivência!

Misturas afro-indígenas entrelaçadas
Nessa união de povos
Trocando conhecimentos, segredos e tradições
Mantidas pós-abolição.

Sociedade moderna atuante
Dominada pela discriminação,
Extermina suas diversidades étnicas
Corrói os saberes da população.

Os Indígenas estigmatizados, suprimidos
Os negros sofrendo todas as formas de violências
Nessas cidades de concretos instituídos
Os Baobás são símbolos de resiliências

JANAÍNA NERY

Dois mundos



Carro parado no sinal
A cena é a mesma
Pés descalços ou sandálias rasteiras
Pernas negras ressequidas e malhadas de poeira

Vidros suspendem
Separando rostos
Histórias, sentimentos

De um lado, o medo
Do outro, a fome
De um lado, indiferença, desconfiança
Do outro, vazio, desesperança

É apenas um menino
É um moleque perigoso
Confusão de sentimentos
Dúvida, fuga
Ao que fica, desilusão, silêncio.

Cotas sim!

Meu nome destacado, em vermelho, na lista de aprovados. Felicidade misturada com apreensão. A tarja vermelha dava destaque a mais três nomes. Todos masculinos. “Seria eu a única mulher preta da turma?” – pensei.

Eu já era a única de uma família preta a cursar uma faculdade, agora, a única a entrar para um curso de mestrado em uma das mais renomadas universidades públicas do país. Solidão.

Primeiro dia de aula. Ansiedade misturada com satisfação.

Meu corpo ocupa o campus, os corredores... Faço-me presente naquele espaço. Coração acelerado. Dentro da sala, sou recebida com um largo sorriso de uma mulher preta tão retinta quanto eu. Era a professora. Retribuo o cumprimento e junto-me aos poucos pretos que, igualmente, ali, se fazem presentes em meio a alguns, ditos privilegiados. Neste lugar, então, me acomodo e me permito ficar à vontade, pois vejo que, ali, um quilombo já havia se formado.

LEÍZE MACIEL



Ah! Nós os bestiais!

Quando o português chegou,
Nós já estávamos aqui,
Com cara, coração e costumes próprios,
Vermelha cor, corpos nus e rosto regular.
Inocência e harmonia, tendo a natureza como lar.
Cabelos corredios, corpos cerrados, vergonha? Jamais!
Vestimentas? Nada mais que pinturas, colares e penas,
Tinta, graciosidade e gentileza aliada à força voraz.
Português nos tachava de “bestiais”,
Povo diferente, com simplicidade e nada mais.
Nossa morada, choupanas de rama verde.
Nosso leito, redes de fios de algodão.
Nosso alimento? Tudo o que a natureza podia oferecer.
Nosso ambiente? Belezas incessáveis,
Nada de ninguém, tudo de todos.
Nosso povo quieto, com característica própria
Mesmo sofrendo lutou, não perdeu a identidade.
Êxtase, maravilhosidade, aquela novidade do português
Não nos deixava levar.
Mas, homem branco, cheio de “boas intenções”
Nos impôs a cultura, religião, vícios e doenças.
Fez nosso povo cultuar um Deus morto,

Baobás de Concreto

Enquanto um DEUS vivo exaltávamos.
Cultuávamos o sol, a lua, as estrelas, a terra nossa mãe.
E tudo que agora fazíamos
Era nos prostrar diante duma cruz.
Da nossa inocência restou panos, guerra, miséria
E um mundo não mais livre e natural.
Nossa terra, branco bonzinho se apossou.
Nossos arcos e flechas deram lugar ao fuzil.
Nossa morada em concreto se transformou,
Nossa natureza em pastos densos,
Nossa mente – malícia e desilusão,
Nossa vida transformada,
Em luta sobrevive, resiste!

**LUCIENE AMOR ESPIN
DE JESUS**



Versos, pão e favela

Mulher simples, humilde,
Diante das pedras no caminho
Nunca se curvou,
Por mais que carregasse da vida
Muito rancor.

Driblou a fome, a miséria,
Cravou sua marca,
Em escritos feitos no papel, jornal,
Era o que aliviava
A vida no barraco de pau.

Era chuva, era sol, adoecer nem pensar,
Tinha bocas para alimentar,
Seguia sua rotina, para garantir o pão,
Nas andanças pelas ruas
Deu rasteira na humilhação.

Um dia sem esperar,
A sorte foi lhe encontrar,
Sua jornada viria a mudar,
Os escritos de Bitita,

Começariam a voar.

Fez história no Canindé,
O sonho que parecia impossível realizou,
O pobre também pode,
Carolina nos mostrou.

Bitita seguiu viagem,
Hoje se inspira em outro lugar,
Sem preocupa-se com uma casa para morar,
Ou vizinhos para implicar.

Seu legado continua,
Versos, favela, fome, miséria,
Escrita potente, feito rocha,
Permanece atual,
O corre no dia a dia do pobre
Pra conseguir um real,
Lutar para sobreviver,
E conseguir ao menos comer.

Preta da Maré

Socióloga era sua profissão,
Queria mesmo era lutar pelo povão,
Cria da Maré,
Pés no chão,
Mina preta,
Pensava na revolução.

Ousava em não se calar,
Em defesa dos menos favorecidos,
Pela sociedade, os excluídos,
Direitos, Diversidade, liberdade,
Incomodam-se tanto com sexualidade.

Sua voz ecoou,
Sem esperar, calou,
Desfez sua caminhada,
O compromisso firmado
Em toda sua jornada.

Foi alvo fácil,
Tornou-se caça,
Incomodou,
Do pó viestes,
Ao pó voltou,
Voou.

MARCELA VASQUES



Medo

Estado de alerta.
Sensação de perigo.
Vontade de paralisar.
Por que tememos?
De que tememos?
Da falta de amor, da solidão, da hipocrisia, do egoísmo individual.
Será esse medo real ou imaginário?
Vem da percepção de estar vivo?
Ou quase morto?
Da angústia do ser ou não ser?
Imaginário ou real?
Duvidoso sempre!
Perturbador!
Essa ideia de medo nos atormenta.
Registro de um tempo assustador
Sem perspectiva
Desesperançoso.
Meu medo é ideológico
Tem cor. Tem voz.
Importa a alguns
Irrelevante a tantos outros.
O medo é afetivo, emocional.
O medo é político

O medo é pandêmico
Traz insegurança.
Torna o Homem pessimista.
Pesado. Triste.
Nos leva ao afogamento
Tormenta pura.
Para emergir
É preciso muita coragem, vontade
Revestida quem sabe de vermelho.
Vermelho que mancha, mata
Vermelho da esperança!
Exercício diário de se reinventar
Doses homeopáticas de tesão, de luta!
O medo não vai me paralisar
Sigo com a coragem e resistência dos meus ancestrais!

Eu não consigo respirar!

Sou sufocada todos os dias.
Tratada há séculos como objeto
Silenciada a cada minuto
Reprimida sexualmente
Amordaçada quando escrava
Cerçada violentamente
Asfixiada até o último suspiro
Abafada na minha possibilidade de fala.
Estrangulada na alma!
Reprimida nos pensamentos

Dominada pelo machismo
Pelo patriarcalismo
Controlada pelas estruturas
Encarcerada pelo racismo
Preciso de alívio!
De me ver e perceber como ser humano.
Quantas batalhas teremos que travar?
Esse ódio não é meu
Foi construído
Por uma pretensa superioridade racial.
O ódio precisa ser ventilado, libertado.
Precisamos sentir o frescor da vida!
Sem amarras, sem opressões, sem diferenças.
Preciso voltar a respirar!
Preciso ter vontade de respirar.
Minha voz precisa ecoar! Ecoa, ecoa, ecoa!!
Que ela emane paz. Respeito. Empatia!

Em homenagem ao irmão George Floyd.

MARIA APARECIDA LISBOA



Negritude

Negro, negrinho, crioulo, negão
O que se esconde por trás dessas palavras usadas de forma
tão pejorativa?
O que faz com que a cor de tua pele incomode tanto o homem
que se diz civilizado?
Quem disse que tu, negro, és inferior ou menor por ser negro?
De que te acusam?
Será que fingem não saber que foste tu meu irmão o
Construtor dessa terra?
Esqueceram de tua labuta na lavoura, na mina, na cana, no
chão
Ou será inveja desta cor que brilha, desta pele aveludada,
desses lábios carnudos e sensuais, destas nádegas volumosas,
destas entranhas quentes
Onde o homem dito “civilizado” se deleita de prazer
enxergando apenas o seu egoísmo?
Não sei meu irmão de cor e dor...
Gostaria sinceramente que alguém me explicasse o porquê
Ódio, desprezo, rancor a quem contribuiu e construiu uma
grande nação
E se a nossa terra hoje está destruída, não foi o negro quem o
fez
O branco “civilizado” com a sua prepotência, esqueceu que
graças ao negro o Brasil cresceu!

Hoje somos escorraçados, tratados como marginais
esquecidos à própria sorte...
No entanto, meu irmão, não se entregue, lute!
Somos gente, não te esqueças!
O Sol é para todos.
É o homem que te discrimina
Viva e conquista teu espaço
Um dia seremos realmente libertos

Pandemia

Surgistes não temos certeza,
Onde se esconde tal vírus?
Pegastes a humanidade indefesa
Pensando que logo passaria
Ledo engano, triste realidade
Sem remédio, sem a devida atenção
Quase um ano e meio e estamos sós
A população sofrendo suas perdas
Onde está o poder público? Onde??
Quem de fato se preocupa com o povo?
Vacina, que demora... por quê?
Não somos gente... O que somos?
Quantas mentiras que surgem
E nós esperando por resultados
2021 já está no segundo semestre
Quantas vidas ainda se vão?
O governo arrasta suas decisões
Povo brasileiro, acorda! Enxerga!
Precisamos salvar nossa nação!

NEGRA ÁUREA

Consciência da mulher negra



Fui classificada ao máximo na cor,
Na aparência, na estatura.
Na fala, no beijo, nariz e cabelo,
A custa de pão, pau e pano.
A Diáspora traçou meu destino,
Mama África ficou para trás.
A dor que imperava no “Tombadilho”,
Era que liberdade eu não tinha mais.
Ao avistar a terra do Novo Mundo,
Apesar da beleza natural.
Foi-me imposto costumes e um nome,
Me distanciando de meus ancestrais.
Mas não puderam calar minha voz,
Meu tambor, meu afoxé, meu berimbau...
Meu jeito, meu credo, minha dança
Incomodava destemidas rivais.
Muitas lutas eu resisti,
No quilombo me refugiei.
Pus em prática o que de raiz aprendi,
Pois esse chão era minha nova grei.
Regado com sangue fraternal,
Liberdade no papel alcancei.

Pura demagogia racial,
Não foi inclusa no social.
Mesmo sendo parte do global,
Pelas conquistas de direitos, lutei.
Mas a nomenclatura magistral
Me resumia apenas aos três ps.
Difícil ser negra
Em plena política do branqueamento.
Hoje com as conquistas vindouras,
Tenho meu livre arbítrio.
De mostrar, o que sou e o que faço,
Afirmando-me do pó ao aço.
A minha identidade, reflete pura beleza.
Que rufem os tambores, pois quero dizer:
“Viva a Consciência da Mulher Negra”!

A melanina tem magia

Como mulher negra,
Fui chamada para reinar.
A eugenia tentou meus planos frustrar.
Mas o diamante
Tem a missão de brilhar.
É como o astro Rei,
Que no fulgor de seus raios,
Arde como fogueira
Para o fetiche da cegueira.
Ainda existem navios negreiros no olhar brasileiro.

Há quem não enxergue adiante
O brilho do diamante.
Sou negra destemida,
De grande, grande vigor.
Sou negra radiante,
De muito, muito valor.
Pasme o mundo, é visceral.
O culto à discriminação.
Como célula tumoral,
Agonizante numa infecção.
Mas tenho o segredo na mão,
Na mente e no coração.
Brilha! Brilha diamante!
Minha pele, minha cor é marcante.
A melanina tem magia.
É pigmento divinal com maestria.

**NEGRA LUZ (CLAÚDIA
ALMEIDA)**



Os pretos sabem

Tudo o que vc diz que entende
Os pretos entendem mais.
Pobreza extrema nos guetos.
Elogios a partir dos queiros.
Questionar a beleza dos cabelos.
Distinguir os odores como pior dos cheiros.
Fazê-los primatas.
Bois aos ferros.
Arados em terras, forasteiros...
Sim, entendem mais.

Tudo o que vc diz que já passou
Os pretos passaram mais.
Tortura, mais.
Estupro, mais.
Fome, mais.
Infância banalizada, mais.
Mulher subjugada, mais.
Analfabetismo, mais.
Veja os números!
Sim, somam mais.

Tudo o que vc diz que foi difícil
Para os pretos é muito mais.
Estudar, mais.
Doutorar-se, “anormais”.
Um bom emprego, “especiais”.
Incomuns, isolados, desiguais!
Até a ciência não nega: somos iguais.
As leis ratificam: somos iguais.
Aos sete palmos: iguais.
Mas veja!
Veja os “podiums”!
Pesquise.
Depois me diga:
Quantos pretos verás?

E sabe o porquê?
Não entende esse detalhe?
Não aceita?
Não assume?
Duro, não é?
Desumano, existir.
Mas saiba:
O preto, a preta, sabem!
É a pele. É a cor!
E isto nunca saberás.

Pudim e Racismo

Ontem comi pudim.
Comi com meus pais.
Dei para as minhas filhas.
Até desejei mais!
Consciência, Negra!
Na vida, venho comendo vários pudins:
Pais presentes, boa educação, boa moradia, boa saúde (Tenho até plano!), trabalho digno,
Tudo pudim!
Tudo na mão!
Hoje, amanhão amargando a dor da família de um negro que desejou pudim.
Isso não é Inovação: a ordem do dia!
A roleta russa do racismo é visceral.
É pura atitude!
Mata sonhos, planos, desejos, leva vidas!
Eu acho que comi o pudim e nem olhei para os lados...
Comi rápido e os olhos queriam mais!
Deveria ter comido o prato inteiro?
Poderia ter sido o último doce da minha doce-vida!
É, Chef, poderia.
A pele nos põe suspeitos... nos põe na mira...
Na dúvida, mata-se o negro.
Ah! Amarga doce-vida!
E os meus rebentos?
E os outros negros e negras?

E nossas futuras gerações?
Nós pulamos o tronco'
E eles?
Ficarão no paredão?
Não há leite para todos!
Como fazer as verdadeiras omeletes...
Ops! Os pudins,
Sem quebrar os ovos?
Consciência, negros!
Educar para o racismo!
Resistir ao racismo!
Ir para o fronte contra o racismo!
Poetizar antirracismo!
Cada qual com a sua lança,
Primar pelo Digno Viver Negro.
Vidas negras importam!
Eu importo!
E não venha bradar que importamos...
Racismo, aqui, é igual a samba, carnaval, axé, acarajé, açai,
brigadeiro, churrasco, farinha, saudade...
Está no vocabulário que nos identifica...
Precisa-se dessa letra morta,
Racismo não quer dividir pudim!

Longe do meu Quilombo

Longe dele, uma angústia margeia a mim.
Banzo lançando suas unhas,
Fazendo garapa de mim
E eu, formiga operária,
Carregando a minha hercúlea folhinha,
Garantindo o maná da minha boiada,
O pão de cada dia.

Essa saudade negreira,
Que o meu quilombo contagia,
Desejo seja chuva passageira,
Melhor Tempo haveria,
Para fincar pé no nosso terreiro,
Viver a nossa alforria.

Levantar a poeira com samba,
Comer vatapá de Mainha,
As bandeirolas do nosso pequeno quilombo
Flamulando com nossa alegria.

Somos nichos de resistência.
Ancestrais: eles nos guiam
O amor à flor da pele: visceral
Nos aproxima,
Nos conecta,
Arrepia.

Baobás de Concreto

Nossas lutas...
Nossas frentes...
Não são, para sempre, mal.
Sobreviverá o “núcleo duro” ancestral,
A essência da nossa negra dinastia.

À toda família Ferreira da Silva

**ROBERTA ELIANE SANTOS
FROES**



**Havia um menino preto que
queria ser**

Havia um menino preto
Que não queria ser jogador
Queria ser o árbitro, o técnico ou o diretor

Havia um menino preto
Que não queria ser o ascensorista
Mas, sim o dono do prédio
E sua foto, capa de revista

Havia um menino preto
Que não sonhava em ser cantor
Podia até compor, cantar ou tocar algumas músicas
Mas da gravadora era o senhor

Havia um menino preto
Que não queria ser porteiro
Queria ser médico, professor ou engenheiro

Havia um menino preto
Que não era namorador

Baobás de Concreto

Era sensível, carente e meigo
Só precisava de um afeto arrebatador

Havia um menino preto
Que queria ser poeta
Por mais que insistissem que pelas características físicas
deveria ser atleta

Havia um menino preto
Que queria ser
E ele foi

ROBERTA RENOIR



Mulher preta: eu posso

Meus ancestrais atravessaram os mares, as águas eram profundas, revoltas e cercadas de um sentimento de tristeza, de perda, mas também de luta e não submissão.

Sou uma mulher preta que atravessa mares, independente de como eles estão. Mulher das águas calmas como um lindo lago, às vezes agitadas como um mar em ressaca. A ordem é não parar, remexer corações na maneira de pensar negritude.

Quando nasci, disseram que não iria longe, que não conseguiria muitas coisas.

Ela está cheia de marcas, essas já definem o que ela pode ou não ser.

Então, não perceberam, mas cresci entre as brechas e me tornei algo que eles temiam

PROFESSORA!

Sim, educadora no sentido mais amplo que essa palavra pode ter.

Então pensei**EU POSSO!!!!**

Aí, disseram-me não se anima não, engraçadinha! Você chegou até aqui.

Mas vou te dar as estradas mais distantes, as ruas mais escuras para você caminhar.

Mal sabiam eles que estavam me tornando mais forte a amar o lugar onde estava.

Não era e não estou sozinha, mas sou parte do coletivo que vê o mundo com outra visão e acredita na força trazida pela Educação.

Então, EU POSSO.

Num determinado momento, eles até me tiraram o salário, meu sustento, achando que eu ia esmorecer.

Claro que as coisas ficaram difíceis, mas, a cada sorriso recebido, uma mensagem de incentivo, na empolgação de um amigo pensava, não se pode enfraquecer!

Será?????? Claro que sim EU POSSO!!!

E aí as coisas ficaram duras, nos jogaram bombas!

Com recado direto que não valia apenas continuar.

Confesso que doeu mais na alma que no corpo.

O sentimento era de tristeza, angústia, mas quem disse que isso me fez parar.

Calma! VOCÊ PODE!

Educação, transformação sempre foram grandes direcionadores da minha vida.

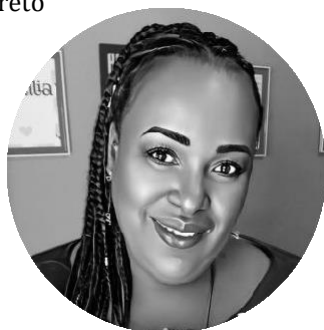
Coitados, pois nunca poderão roubar minha capacidade de sonhar e semear pensamento crítico por onde passar.

Me deixaram as palavras, uma impressionante vontade de narrar, de expressar para o mundo que importante não é se somos poucos, se temos pouco ou se nos impõem o POUCO.

Nós somos impulsionadores de reflexão e mudanças, isso é o que importa.

SANDRA REMÍGIO

Não me sonharam



Uma criança me perguntou:
Você quando era criança sonhava
em ser escritora?
Eu rapidamente respondi com grande pesar: -NÃO!
Fiquei reflexiva por um longo tempo.
E pensei sobre não sonhar em ser escritora.
Mas a verdade é que não me sonharam.
Não me sonharam escritora.
Não me sonharam gente.
Não me sonharam inteligente.
Não me sonharam criança
E nem me sonharam para ter esperança.
Não me sonharam cientista.
Não me sonharam artista.
Aprender a sonhar é reexistência.
Aprender a sonhar é liberdade.
Aprender a sonhar é luta.
Não me sonharam, mas, hoje, levo sonhos aos meus pares.
Para que sonhem em seus lares.
Para Que carreguem em suas bagagens
Os sonhos que nos roubaram.
Não me sonharam Conceição Evaristo e Marcelina
Não me sonharam Lélia Gonzales e Ryane Leão
Não me sonharam Carolina Maria de Jesus e Luisa Mahim
Não me sonharam Antonieta de Barros e Maria Firmina.
Não me sonharam Esperança Garcia e Tereza de Benguela.
Não nos sonharam!!!!

Uma inspiração de mulher

Quando Dona Ivone Lara nasceu
Uma rainha o céu nos deu.
Chegou para dar caminhos e as mulheres iluminar.
Uma linda história para contar:
A primeira mulher a assinar um samba enredo.
Nunca desistir era seu grande segredo.

Abriu um lindo caminho.
Uma mulher visionária.
Enfermagem era sua missão
Servir socialmente.
Uma sociedade carente.
Que desviou o seu olhar,
E não conseguia enxergar
Que a música podia cuidar.
E Ivone estava lá para nos mostrar.

Olhou com sensibilidade
Quem sofria com desprezo da sociedade.
No serviço Social ela é a pioneira.
Filha de uma costureira.
Ivone Lara é uma grande brasileira.

Sempre mostrou o seu valor.
Com uma história grandiosa.
Encontrou o seu caminho.
Uma mulher preta maravilhosa.

Dona Ivone veio nos ensinar.
O poder que a mulher preta tem.
Uma vida de batalha é nossa referência.
Nos ensina a lutar com muita resistência.

E você, grande mulher,
Aprenda hoje a sonhar.
Mesmo em tempos tão difíceis,
Não desista de lutar!

Essa mulher é inspiração.
O seu sonho ela nos deu.
Olhou pra vida com o coração.
E o sonho que era meu. Hoje, pode também ser seu
Um sorriso negro ela nos deu.

Nos trouxe esperança de verdade.
Seu sorriso trouxe felicidade.
Fez feliz quem sonha com liberdade.

SONALÍ SOUZA

Cria da Baixada



Sei que piso em pântanos,
obscuro terreno,
a terra aqui não é firme,
é úmida, encharcada.
Nesses baixios alagados,
cacos e restos de tantas coisas.
Quando criança
tinha medo de pisar o chão.
Meus passos eram leves, cuidadosos,
nem sei como eram,
sei que resistiam
ao perigo e ao medo de afundar.
Então aprendi a pisar
feito cegonha, feito garça,
e mais que andar,
aprendi a voar
com palavras.

THAÍS ALESSANDRA



Fora dos padrões

Às vezes, me sinto
BELA
DESEJADA.

Mas, sempre dependo do olhar do outro para sentir.

Na maioria das vezes, me sinto
VELHA, DESDE OS 20 ANOS,
GORDA,

FORA DOS PADRÕES,
FEIA.

Mas, tenho a sensação de que esse olhar não é meu,
e mesmo assim, ele me atravessa
e injeta esses venenos e toxidades em meu EU,
Deprecia O MEU SER.

Punhalada

Mais uma punhalada!
PAH... PAH... PAH...

Ouço o barulho dentro de mim,
do punhal que você cravou em meu coração.

Desta vez a dor foi direta, certa,
sangrou tudo o que tinha de **sangrar**, de uma vez só!

SÓ! É como eu me sinto agora,
sem você,
sem a referência dessa prisão, **QUE ME SEQUESTROU DE MIM**
POR 9 ANOS.

Um passarinho criado em cativeiro e de repente solto. É
COMO EU ME SINTO AGORA! Perdida e sem saber que posso
voar.

AGORA,
(re)conecto-me com o agora, comigo mesma,
e encerro esse ciclo de abusos que você me colocou por causa
da sua insegurança, por não saber amar sem agredir.

(In)diferentes

Quem perde por não saber conviver com as diferenças,
são os indiferentes!

Indiferentes as dores da alma,
Indiferentes as desigualdades sociais,
Indiferentes a cor,
 a dor,
 a mulher,
 ao negro,
 ao deficiente,
 ao saber popular,
 aos indígenas,
Indiferentes às diferenças.

Somos todos diferentes!

E, saber conviver com as diferenças é fundamental!

THAÍS COSTA

**Diário de uma mulher:
parem de nos matar**



Me lanço,
Canso!
Recomeço, amorteço...
Cresço!

Penso, reflito.
Sinto!
Meu corpo sente...
As marcas do medo

De andar na rua,
Dos julgamentos,
Dos apontamentos!
Sofrimento!

Observo os índices
Estão nos matando cada dia mais.
São tantas as formas
Tantas as maneiras

Violências extremas:
Física, psicológica, moral,

Patrimonial, sexual.
Meu corpo, minhas regras!

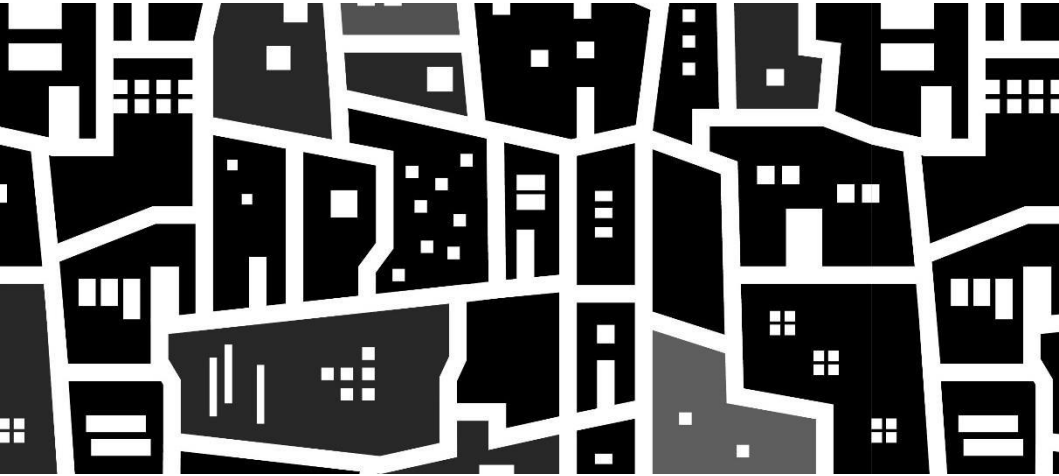
Infelizmente, nem todos pensam assim!
Enfim!
Nos olham como objeto!
Propriedade!

Independentemente da idade!
A cada dia fica mais evidente.
Querem nos podar, nos amarrar!
Nos silenciar!

Precisamos de união!
De comunicação,
De legislação!
Preciso, precisamos de leis mais duras!

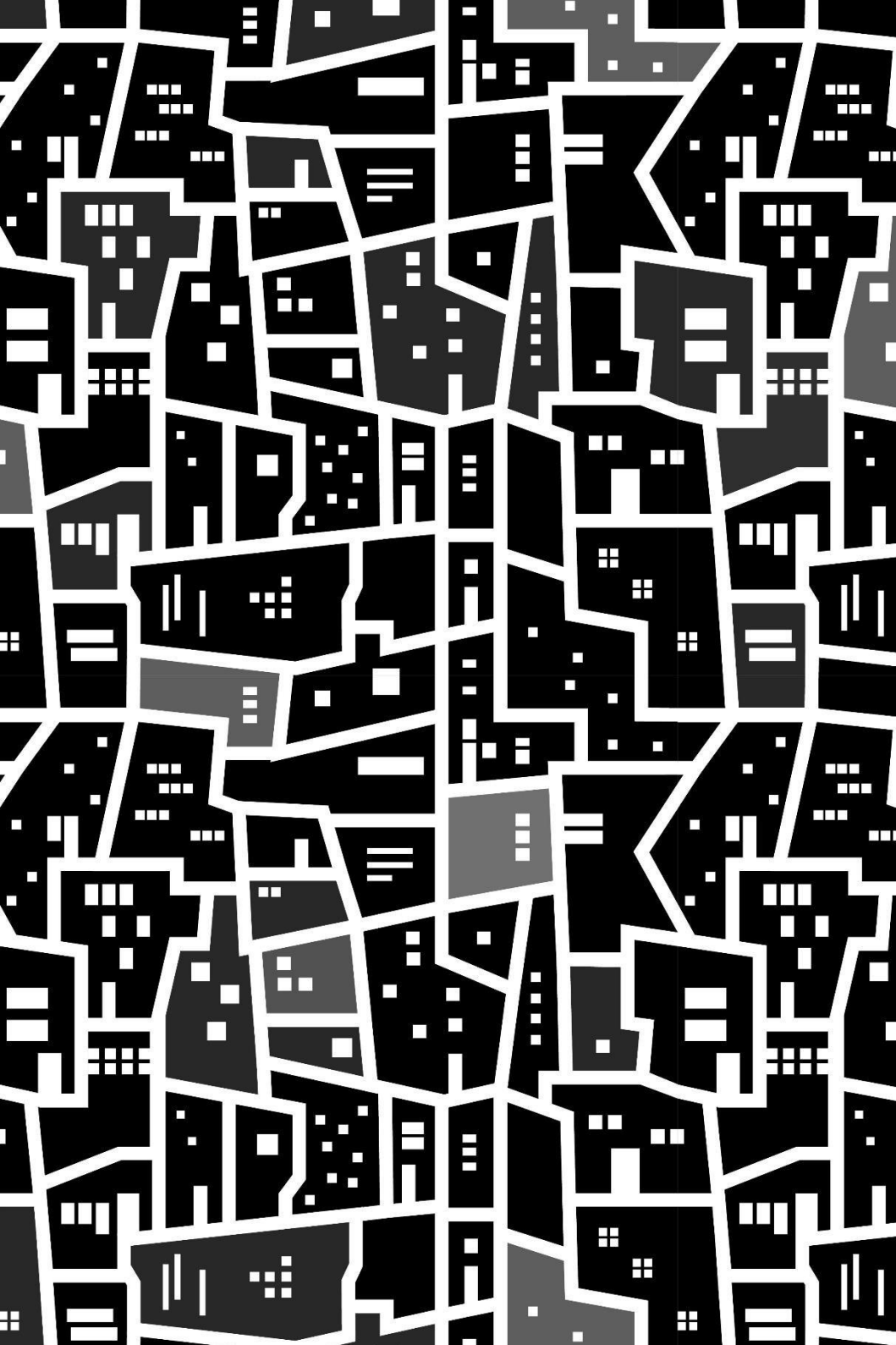
Queremos proteção, igualdade.
Decisão!
Informação, punição!
Valorização!

Gritamos por Dandaras, Marieles
Chica da Silva, mulheres empoderadas,
Destemidas, guerreiras!
Grito, peço, rogo:
PAREM DE NOS MATAR!



CRÔNICAS E **CONTOS**





ALEX PEREIRA DE ARAÚJO

O sumiço do dinheiro dos Ibeji



Com 6 ou 7 anos de idade, a gente não só vê tudo grande como também sonha grande, pois é nessa idade que as fantasias da meninice se misturam com os desejos e com a realidade presente de um tempo que logo, logo vira memória do passado... Nessa época, eu morava na rua Bela Vista, no bairro do Berilo, bem próximo do Hospital Maria Goretti, lugar que me viu e atestou minha chegada a esse mundo de terráqueos... Meu pai, que gostava tanto de livros quanto de Ruy Barbosa, comprara para seus filhos uma coleção chamada Mundo da Criança. Essa, eu me lembro mais. Havia outras, mas essa tinha muitas gravuras, imagens que faziam meus olhos pularem para fora de mim. Ali, eu conheci João e Maria, Rapunzel, Cinderela, o Gato de Botas, João e o pé de Feijão na mesma época em que morria de medo do Minotauro, quando aparecia no seriado de TV Sítio do Pica-pau Amarelo. O medo de tia Anastácia me afetava tanto que não havia nem há palavras para expressar. Esse era um tempo das peraltices de meu irmão mais novo e da nossa inocência de criança... Ah! Para meu pai, Ruy Barbosa tinha sido o homem mais inteligente do mundo. Mas, certamente eu não sabia para que servia ainda essa tal de inteligência, mas lembro do dia em que

meu irmão tinha *pego* o dinheiro do santo na casa da vizinha. Aqui na Bahia era comum colocar um dinheirinho nos pés de São Cosme e São Damião com umas balas que no português baiano é caramelo. Esse dinheirinho era dos santos e pros santos gêmeos. Uma criança com cinco anos de idade não sabia para que o santo precisava de dinheiro. Essa era a idade de meu irmão caçula. Eu também, um ano e três meses, mais velho, não saberia dizer. Ainda me lembro daquela imagem pequenina dos santos gêmeos com as velinhas coloridas acesas para eles. O fato é que a filha da vizinha, deu falta do dinheiro ou viu meu irmãozinho pegar a nota de 1 cruzeiro, e avisou a uma das minhas irmãs: Lene ou Lara. Não me lembro qual delas contou à minha mãe, e, como dizemos em baianês, a coisa não prestou. Minha mãe, cabeça de Oyá, “sapecou” uns bolos nas mãos de seu caçulinha em meio a um sermão que nem o papa João Paulo II tinha feito em visita à Bahia de Todos os Santos naquele início da década. As mãozinhas gordinhas do meu irmãozinho tinham aprendido naquele momento o que de fato era inteligência, ou seja, inteligente é aquele que não deve nunca pegar no dinheiro dos outros, principalmente, se for dos santos. Certamente, minha mãe tenha ficado com o coração apertado de ter feito valer a justiça de Oyá¹ nas mãos de seu caçulinha; mas, naquela época se dizia: “pé de galinha não machuca pinto”. Os bolos de palmadas que levava meu irmãozinho, me fizeram entender que não se deve colocar as mãozinhas no dinheirinho dos santos. Jamais!

¹ O mesmo que lansã, orixá dos ventos e das tempestades, no panteão Jeje-Nagô.

Minha mãe teria conseguido ensinar de uma só vez a dois, essa lição e outras que podemos associar? Isso que chamo de economia da educação doméstica, uma inteligência materna que toda mãe consegue desenvolver, ao gestar, em seu ventre, seus filhos e filhas... Só mais tarde, fui descobrir que os santos gêmeos eram, *na verdade verdadeira*, os Ibeji; aqueles que faziam dona Francisquinha, a macumbeira da vizinhança, dá caruru com um saquinho repleto de caramelos no dia 27 de setembro de cada ano. E como era bom comer de mão, sentado no chão, aquela comida com vatapá amarelinho, quase abóbora, com galinha, arroz, peixe e a quiabada regada no azeite de dendê da Bahia. Essas memórias não me saem da cabeça, principalmente, porque fico aqui pensando o que Ruy Barbosa, o mais inteligente dos baianos, teria dito a respeito desse caso que envolve sincretismo religioso, inteligência e a justiça de uma mãe cabeça de Yansã! Jorge Amado teria rido muito com Zélia Gattai, ao ouvir essa história que poderia virar uma dessas crônicas que relatam os fatos que acontecem todos os dias em nossa Bahia. Salve os Ibeji! Salve São Cosmo e São Damião!

[...]

Agora, meu irmão, já adulto, aprendeu que se pode pegar dinheiro de despacho; basta mijar² em cima que o feitiço perde seu poder. Isso parece coisa de Exu, zombando de nós, simples mortais que colocam dinheiro *pro* santo, esperando ganhar mais.

² O mesmo que urinar, fazer xixi. Aqui a expressão significa uma forma de quebrar o feitiço da oferenda.

Como assinala Leda Maria Martins “a cultura negra é uma cultura das encruzilhadas.”³. E nessa roda, Pombajira dança mostrando que a vida é um moinho e o cosmo é um grande elo, ligado pela energia chamada Axé que faz Exu brincar e falar pelo Ifá!

Ao certo, os orixás, voduns e inquices não precisam de dinheiro; nós, sim, o desejamos tanto a ponto de dar dinheiro *pros santos* ou pegá-lo em oferendas ou despachos.

³ Martins, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ALINE BOTELHO

Aos olhos de Dandara



Da janela da casa de Dandara, ela percebe toda a movimentação que acontece diariamente no entorno do estádio do Maracanã, localizado no estado do Rio de Janeiro, mas não foi sempre assim, essa vista é nova para ela, um ano aproximadamente antes, residia na periferia e a pobreza se mostrava através de outras formas e maneiras. Dandara, mulher preta e periférica que teve sua ascensão financeira posterior ao seu ingresso em um concurso público e hoje consegue notar e ser tocada por essas diferenças visíveis sociais.

Agora, dessa janela, Dandara consegue visualizar os ‘corres’ de tantas pessoas. Isso porque sua família tem ao seu dispor a pista de atletismo que envolve todo estádio, e nela, uns correm para emagrecer, enquanto outros correm para sobreviver! Um lugar de passagem e movimento. Semblantes diferentes reforçados pelos privilégios. Privilégios de ter o horário a seu favor, de não precisar utilizar o transporte público, de escolher o melhor momento para se exercitar dentre tantos outros que ficam evidenciados em seus rostos e corpos definidos.

Outros vivem no corre constante, e estão em busca pelo seu pão de cada dia. Não podem se atrasar, porque o trem avariou ou o ônibus superlotou, e o metrô...não chegou! Esses sujeitos normalmente saem de suas casas bem cedo e voltam

bem tarde! Era assim, com Dandara! Sentia na pele, sofria! Por muitas vezes, esses seres humanos precisam viver na correria constante porque seu empregador já os avisou que se continuarem se atrasando, serão demitidos!

Ainda temos outros cidadãos que usam de passagem a pista de atletismo, tornando-a assim um não lugar, mas esses são quase que invisíveis, se rastejam envolvidos pelos seus vícios, sujos e maltrapilhos, e vivem no ato de pedir esmola diariamente. Esses recolhem seus alimentos com as contribuições das visitas contínuas dos tantos turistas que chegam para conhecer um dos estádios maiores do mundo.

E assim é a alvorada a cada novo dia, e a inquietação de Dandara permanece; será que um dia a sociedade será justa e igualitária? Será que um dia os moradores das zonas periféricas terão o acesso e possibilidades diferentes? Será que todas as pessoas poderão ter opções de escolhas? Ou vão continuar como reféns das desigualdades, reféns desse sistema! Desconstruir o perigo de uma história única desses sujeitos é essencial. Que essas tantas exclusões sociais, sejam aniquiladas! Utopia! Sonho! Pode ser que Dandara seja uma sonhadora!

E sabe qual é o desejo de Dandara durante a cada amanhecer? Conto para vocês, que todas as pessoas que ela percebe diariamente vivendo, andando, correndo... consigam alcançar o esperar para um viver melhor!

AUGUSTA SANTO

Sara, a menina dos olhos



Em um bar tradicional na Augusta, ela trabalhava ali há muitos anos. Aparência jovial, as primaveras a deixava sempre bela, o tom de vermelho sempre presente combinava com a sua essência de mulher da vida.

Sara é seu nome. De postura forte, derretia-se por inteiro quando o assunto era os encantamentos da vida noturna na Augusta.

Do destino conhecia um pouco de cada rumo; aprendera a ouvir com os sentidos, aconselhar os segredos daqueles que sentavam na mesa do bar a boêmia era só um estado do momento: _ garçõnete, por favor me traz uma gelada.

Sara tinha um sorriso escondido e também escolhido, de modo que não derretia e não congelava, era um sorriso de confiança para alguns, para outros apenas cortesia ou um afeto passageiro.

A vida do bar era movimentada, além da freguesia, havia um serviço oculto, o movimento dos invisíveis numa frenética troca de energia e ectoplasma sentido à flor da pele.

Sara transitava quase hipnótica, a magia lhe era da própria natureza: _ Sara, o meu pedido por favor. A música ao vivo, corpos e almas emaranhados e ritmados no embalo da vida, uns dançavam outros, sentados sentia o ambiente, e naquele

clima de êxtases a vida era magnetizada por um fluído aromático que alimentava a alma e o corpo.

Numa mesa de bar quem nunca chorou por amor? Quem nunca matou ou morreu numa expressão do desejo? Tudo é uma questão de tempo, o destino encanta a história, é preciso sabedoria para transmutar, o tempo fazia de Sara discípula e mestre da própria sorte.

Aquela alma estava ali sentada, quase penada, sem falar nem o pedido havia sido feito, Sara aproximou, puxou a cadeira e sentou: - Me diga, faz sentido o pensamento ou ainda está confuso? A moça olhou e sorriu – uma tequila serve, desce ardendo, quem sabe acalenta a dor que aqui dentro arreventa o peito – vou morrer afogada nas tempestades da vida.

Sara conhecia aquele sentimento, já sentira em infinitos momentos. Serviu a saideira. Depois de um bom tempo a moça sorriu e gritou: Sara! Nada faz sentido se a razão, não combinar com o coração. – Agora eu sei. Pagou a conta e deixou uma gorjeta para a garçonete.

Rufino era um freguês de trato fino, nego nagô, pedia sempre o mesmo cardápio. De tão conhecido, Sara já antecipava – Dr. Rufino, qual a dose para hoje?

- A dor aumentou, pode dobrar a dose da saideira.

Respondeu o velho.

Para Sara, aquilo era um pedido de socorro, rezava e abençoava como se santa fosse. Temperou a saideira e lhe serviu.

A donzela, sentada na mesa do lado de fora aquele dia estava sorridente, parecia contente, só queijava de solidão,

mas determinou que não choraria. Sara consentiu e perguntou: - Vai querer a saideira?

A menina bebia gole por gole, a mistura estava com um gosto diferente, - Sara perguntou – para que serve? – meditando a cumbuca de chá respondeu. – Para o que você precisar.

A saideira era uma invenção de Sara, uma missão, assim que começou trabalhar no bar, ainda na juventude, conheceu Tia Preta, mulher de segredos que morava na esquina entre o além e o tempo sagrado, aparecia raramente, sentava na porta e servia chá para os que ali passavam. Ela apenas oferecia; um dia Sara passou na sua moto e parou: - Tia Preta! Vou trabalhar no bar de garçonete. – Ah! Minha filha, que Zambi te abençoa e guarda.

- Aceita chá? Sara bebeu e gostou. No dia seguinte repetiu a dose e no outro dia e no outro dia.

Tia Preta preparou um chumaço de folhas e entregou a Sara: - Faz chá e oferece.

Foi assim que a saideira se tornou o pedido principal do Bar da Augusta.

O povo comentava que o chá era mandinga, um tipo de mezinha preparado pelas mulheres velhas, mulheres que o tempo escolheu para compartilhar o segredo dos saberes, são encantadas. Dizem que Sara é uma delas outros que ela é só instrumento; o certo é que ninguém que frequenta ou que passou no bar não rejeita uma cumbuca do chá.

Todos os dias passa na porta da casa de Tia Preta, buzina, pede a benção e recebe o chumaço de folhas para preparar o chá.

Na madrugada, a Augusta, parcialmente solitária, uma leve sensação de abandono, o último freguês toma a saideira e Sara ali na calçada, sozinha, toma uma cumbuca de chá; avista a madrugada que ensaia romper a aurora, a noite vencida pela labuta, ainda ébrio, adormece.

O bar, os fregueses, o chá, a rua e Sara faz parte da mesma história. Ela sobe na moto e vai cortando as encruzilhadas. A penumbra a abraça, é ali que ela se realiza.

No outro dia, a mesma coisa, a noite é uma dama faceira, cobiça as ideias alheias, liberta os desejos e Sara disposta, recomeça sua jornada.

Na entrada do bar agarrado na parede ao lado esquerdo de quem entra um espelho emoldurado, Sara sabe de sua proibição, na mocidade foi condenada, teve seu coração destrachado sua alma congelada, seu reflexo sucumbido por um amor proibido.

No Bar Encruzilhada passava diferentes destinos por diversos caminhos e a partida era inevitável.

Aquele chegou cedo e foi o último a sair, tomou a saideira e com um piscar de olhos mirou os olhos dela; Sara reagiu, num ímpeto segurou o cabra puxou da bainha sua navalha: - que tu quer? – diga agora e me convença a não te sangrar. Ele com os olhos arregalados, mesmo em perigo sentiu com prazer sua respiração e o sabor de seu hálito; tentou disfarçar a tesão e desculpou-se.

Depois de solto completou: - Só queria puxar conversa - falar da saideira de como me fez bem, quase curou a dor que um amor deixou. – Agradecido. E saiu.

Um vago pensamento saudou Sara, sentiu saudades de seu reflexo subiu na moto foi.

Em uma noite de lua, Sara avistou o mesmo rosto mirando entre as poucas sobras – prédios, árvores e gente se emaranhavam, já era madrugada, o último freguês tomou a saideira.

Com a destreza de uma felina, mulher moldada pela vida e pelos segredos do tempo, com uma rasteira, suas pernas emaranhando as dele, ela o golpeou, na mira do punhal. As partes íntimas encaixadas uma na outra, dividiam a mesma respiração e os olhares se cruzaram e para seu espanto depois de muitos anos estava ali naquele lugar desconhecido, na retina dos olhos seu reflexo. A navalha caiu da mão e uma sensação boa correu pelas veias. Os corações em disparada, sentiu o avolumar do sexo oposto que teimava em reagir aquele aconchego.

Por quanto tempo ficaram naquela posição? Cabreira, levantou, se equilibrou e ordenou: - chispa.

No dia seguinte, ao passar na casa de Tia Preta para pegar as ervas ela não apareceu, ao entrar na casa, a avistou caída: _ estava te esperando minha filha. – Chegou minha hora – mas antes preciso te agradecer por ajudar na minha missão, - recebi do criador a oportunidade de trabalhar para ajudar a amenizar a dor; aquele chá, você, eu, eles os encantados e os fregueses.

Ela só pensava em socorrer a tia, um suspiro longo e finito fez o corpo silenciar; um cheiro de ervas invadiu suas narinas. Era quase visível e totalmente perceptível a movimentação.

O povo do axé assumiu as responsabilidades práticas.

Sara sentiu um grande vazio, com o tempo aquelas palavras derradeiras de Tia Preta foram ressoando por dentro. O último episódio com o estranho, a recuperação de sua imagem, era muitas respostas para as perguntas de uma vida.

A rotina era a mesma e no dia seguinte ao entrar no bar, sem receio e sem pressa parou na frente do espelho e estava lá, sua imagem; - suspirou: - ah! Que saudades de mim. Passava a mão pela silhueta dedicando a si um amor verdadeiro. Teve um tempo na sua vida que desejava ser magra padrão, depois pediu apenas uns quilos a menos, mas agora, naquele momento, era só gratidão e orgulho de ser quem é.

Os clientes chegavam de pouco em pouco e avistando aquela relação de amor expressavam: - Uai! - Que bela!, Sara, tá linda. Uma ousadinha que todos os dias estava ali com sua companheira sussurrou: - Gostosa. Ela apenas aceitava os elogios.

Sara, intuída por um bom pensamento serviu a saideira logo de início, - hoje, o chá será o primeiro pedido, - e começou a servir as pessoas de dentro para fora do bar, para sua surpresa quem estava na primeira mesa do lado de fora, aquele estranho.

Os olhos se cruzaram e lá estava ela, na medida dos olhos dele. Sorriu e serviu o chá.

Ele, com expressão de intimidade disse para si mesmo: - saudades de Tia Preta.

Ela ouviu e perguntou: - Você a conhecia?

- Nada é por acaso negrinha. E beijou-lhe a mão. - Eu sou Zumba, para os filhos, Pai Zumba.

- Você é casado? Perguntou com receio da resposta.

- Não preta, sou babalorixá. - Se quiser conhecer nossa roça está convidada.

Sara estava feliz, não sabia exatamente o que aconteceria depois daquele momento, não sabia o que a vida lhe reservava, mas sabia que nada mais iria dismantela-la. Recuperar sua imagem, ver sua beleza no reflexo era a maior das vitórias de toda uma vida de dúvidas e busca.

Tempos depois, Sara sentiu um arrepio e o som do coração ao ouvir os tambores e o grito do ogan: - Laroye Exu! É pra Encruzilhada! Exu é mojubá.

Encruzilhada no seu cavalo ou seria Zumba com seu guia? Perguntas que só a convivência responde para Sara, uma leve estranheza e uma breve certeza movimentava a vida.

BENEDITA LOPES

Caminhar com Nanã



Mamãe recomendava olhos abertos porque na vida há água límpida e lodosa para que saibamos andar entre a certeza e o perigo. Ela dizia: — confiança demais ofusca a visão, por isso caminhar com Nanã é preciso. Não demorou para eu perceber que aviso de mãe é benção. Era o meu primeiro dia. Novo serviço. Eu me pus bonita. Ao chegar na empresa a chefe responsável, pelo recurso humanos, toda solícita veio comentando: — Nossa a tempos necessitamos de uma auxiliar de serviços gerais. Eu tentei falar algo, mas ela já me apresentou para aquela que na sua imaginação seria minha chefe. Neste momento a porta é aberta pela Dra. Sophia que logo me cumprimenta e me apresenta aos funcionários: — vocês estão diante da mais recente contratada para o cargo de engenharia de equipamentos hospitalar. Eu já com meu negrume a flor da pele, balbuciei um Salve Nanã, quando ouvi daquela que me acreditou faxineira um: — Mas ela é tão ... tão ... tão novinha! Ao que eu, ciente do pensamento contrário, retruquei: — Obrigada pelo elogio, mas minha idade se esconde no privilégio de ser negra de último tom.

A sabedoria do baobá

Colo de mãe é ventre do baobá, acolhe o que o mundo renega. Foi assim comigo no dia que retornei da escola aborrecida com as agressões recebidas dos meus colegas de classe, eu não queria mais ser preta e jurei, na minha inocência, só retornaria ao mundo quando branca fosse.

Mamãe soube a razão dos meus aborrecimentos e de minhas tristezas pelo meu primo, Akíns, professor de história daquele colégio particular.

No mesmo dia, chegou do trabalho a cantar música que falam da beleza de ser negra, e após o banho veio com essa:

- Maria Flor vem cá para eu te deixar Odara, minha rainha de ébano, me colocando entre suas pernas, para ajeitar minhas tranças.

Yá Talita, é como chamo mamãe, cantou o refrão da música de Caetano e contou-me a história de Anastácia, Acotirene, Dandara e Tereza de Benguela, e depois me falo da soberba, da ganância e da inveja, até que ela me perguntou:

- Com quem está a feiura, filha?

Eu ainda entristecida sorri, adormeci em seu colo e no dia seguinte, acordei cantarolando Odara e fui para vida contente com as histórias das rainhas negras.

Mamãe não fez nenhum milagre, mas a lembrança de estar em seu colo e de ouvir suas histórias me deu vontade de ser guerreira. Se bem que eu ainda estou matutando a pergunta dela ...

**DONETA FRANCISCO
ANTÓNIO**



Mãe quitandeira⁴

Mamã Ngola, mulher que acorda todos os dias às 5h para ir à luta pela sobrevivência.

São 6h, Mamã Ngola levanta atrasada, correndo vai tomar banho porque precisa ir ao armazém ocupar fila e ver se encontra uma mulher para poder fazer sócia⁵.

Posto ao caminho, mamã Ngola se lembrou que não deu beijo aos seus filhos.

Hamm! Não faz mal, estou atrasada, disse a mamã.

Mamã Ngola tem cinco filhos: Toni, Júlio, Chico, Rosa e Manguxi.

Ngola é viúva já há bastante tempo, seu marido foi combater na guerra civil e não voltou.

Foi comunicada por alguns homens enviado pela FAPLA⁶ que o senhor Fernando, seu marido, estava morto. Foi atingido com um tiro na cabeça pelos inimigos durante guerra.

⁴ Quitandeira ou zungueira, mulher que vende no mercado informal ou que caminha pelas ruas vendendo algum tipo de mercadoria: desde comida, água, até brinquedos.

⁵ Sócia consiste na junção de valores entre duas ou mais pessoas, para adquirir bens alimentares comercializados em caixas ou sacos e depois reparti-los de forma equitativa

Desde então, Mamã Ngola vive lutando para o sustento dos meus filhos. Sendo mãe e pai dos mesmos.

Chega ao armazém e vê que os preços das mercadorias subiram. O que fazer?

Disse mamã Ngola, pois somente ela e a mamã Helena (a sócia) não dará certo.

Então, mamã Ngola e a mamã Helena decidiram chamar mais outra mulher para se juntar a elas e assim conseguirem comprar um saco de feijão de 50 kg para, posteriormente, dividirem.

Disse a mamã Ngola para a mamã Helena: 50 kg de feijão não daria certo, na divisão alguém levaria mais quilos.

- Respondeu a mamã Ngola: a pessoa que pagar maior valor acabará por levar 17 kg e duas levam 16 kg e meio.

E assim foram as mães fazendo sócia para, posteriormente, irem à zunga⁷.

Estava muito sol, e ainda a mamã Ngola não tinha conseguido vender nada.

Mamã Ngola decidiu ir ao mercado do kikolo para ver se consegue vender pelo menos 2 *kilos* de feijão para poder comprar peixe, tomate cebola e 1 *kilo* de fubá para levar em casa e assim os miúdos⁸ jantarem.

Infelizmente, a mamã Ngola não conseguiu nada, voltou para casa as 19h e encontrou as crianças com bastante fome,

⁶ Forças Armadas Populares de Libertação de Angola - movimento nacionalista angolano.

⁷ Vender pelas ruas.

⁸ Criança.

pois não conseguiram comer em condições porque o gás tinha acabado.

As crianças comeram apenas o pão seco, porque a manteiga a Rosa tinha deixado cair no chão.

- Que desgraça, meu Deus! Disse a mamã Ngola.

Naquela mesma noite, mamã Ngola saiu para pegar o fogareiro e poder acender o carvão e ver se fazia arroz branco com chá para as crianças poderem comer alguma coisa, pois as crianças já passaram quase o dia todo com fome.

- Estão todos repletos e felizes, vamos agradecer pelo dia, porque amanhã é outro dia, disse mamã Ngola, toda feliz porque conseguiu dar comida para os seus filhos.

Assim é a vida diária de uma mulher quitandeira, que tudo faz para ver seus filhos felizes.

Malambas da vida

Resta-me chorar pelas malambas⁹ da vida.

Pelas noites não dormidas por causa das dificuldades da vida.

Por ver pessoas inocentes morrerem em hospitais públicos por falta de materiais e medicamentos. Lembro-me como se fosse hoje, num hospital público na cidade de Luanda¹⁰, minha mãe estava lá sob cuidados intensivos e eu, Kangongo, como filha mais velha, passava a maior parte do tempo no hospital com ela.

- Minha mãe teve três filhos: eu, meu irmão Kizembe e minha irmã Ngola, nosso pai, Ngongo, morreu quando eu tinha 20 anos e hoje, com 25, lembro-me dele com alegria e amor, pois foi um ser humano maravilhoso.

- Houve momentos que eu passava a noite no hospital, mas pagando o segurança para que ele me fornecesse um espaço para dormir, pois não era permitido ao acompanhante dormir no hospital.

- No dia seguinte, no hospital, por volta das 5h da manhã, me levantei para ver como estava a minha mãe. Ela estava no mesmo quarto que uma jovem de nome Francisca, a qual estava no hospital já havia um mês.

- Quando eu cheguei no quarto, a jovem começou a passar mal e logo fui ao corredor e chamei uma enfermeira que estava

⁹ Problemas

¹⁰ Luanda-capital de Angola, país localizado no continente africano.

por perto; ela veio correndo e como a situação era grave, ela foi chamar mais dois dos seus colegas para verem o caso e, quando chegaram, encontraram a jovem quase sem vida.

- Um dos enfermeiros disse: vamos reanimá-la!

- O outro respondeu dizendo: vamos deixá-la descansar, tem muitos doentes sem cama e ela já está aqui por muito tempo, vamos comunicar o óbito à família.

- Eu, junto à minha mãe, ficamos sem saber o que dizer. Quando eles deram conta que estávamos na sala, retiraram-nos e disseram-nos que eu não poderia dizer nada a ninguém.

-Chorei, chorei e chorei... essas são as malambas da vida.

Ver pessoas morrendo todos os dias por falta de amor dos profissionais, por não ter camas suficientes... mais amor, por favor! malambas da vida.

- Chorei e choro hoje pelas malambas da vida

- Sabes o porquê vou continuar a chorar?

- Porque naquele mesmo hospital a minha mãe morreu horas depois da morte da Francisca.

- E agora? malambas da vida.

-Somos órfãos

Em memória a nossa mãe

ELISA MATTOS



A face cínica do racismo

Não vou falar nada sobre Miguel.
Não posso. Não tenho o direito. Não consigo, tenho trava na garganta.

Brasília, 1993. Quando tinha cinco anos de idade, minha filha fez uma daquelas birras de criança, queria descer para brincar embaixo do prédio. Era hora do almoço, eu disse não. Inconformada, ela abriu a porta e saiu. Desceu correndo as escadas e logo alcançou a rua.

Morávamos no quinto andar de um prédio localizado ao lado de um dos pontos turísticos mais visitados de Brasília, a Igrejinha. Área central da cidade, também chamada de nobre, onde a grande maioria dos moradores são abonados e brancos.

Corri logo atrás da minha menina, porém com menor agilidade, claro. E quando a avistei, ela estava lá na praça da Igrejinha, em pé ao lado de um senhor idoso, branco, de aparência saudável, que tomava sol enquanto lia as notícias sobre o Brasil e o mundo no jornal.

Foi tudo muito rápido. Ao me aproximar, vi que ela segurava um dinheiro, uma nota de 1 real, disse que “ganhou” do homem. Naquele instante, meu coração disparou feito bala, pulava dentro do peito como uma bola em chamas. A irritação pela peraltice fora de hora da filha, se transformou em ódio

profundo por aquele senhor. Percebi logo que ele deduziu que a menina estava ali para pedir esmola, ganhar restos, provavelmente a mando da mãe. Que atrevimento, que ousadia, que desaforo!

A raiva me ardia. Minha reação foi berrar:

– Devolve o dinheiro, devolve o dinheiro!!

Uma criança pequena, sozinha numa praça deserta. Ela pode estar perdida, assustada, precisando de ajuda. Mas a criança é preta. Na lógica racista, ela é apenas mais uma daquelas crianças catarrentas, usadas por adultos preguiçosos para faturar uma graninha fácil. Um serzinho incômodo, é preciso se livrar dele. A nota de um real resolve o problema, ajuda os pobrezinhos e alivia a consciência social do velho cidadão.

Maldito dinheiro devolvido, assunto encerrado. Mãe e filha retornam para o almoço tranquilo em família. Nem tanto. No fundo, um certo incômodo persiste em mim por saber que, na verdade, tivemos sorte naquele episódio. Muitas vezes, incalculáveis vezes, a desgraça ronda nossas crianças, e elas não têm chance de voltar para casa.

Pernambuco, 2020. No apartamento de luxo em Recife, o pequeno Miguel chama pela mãe, várias vezes. Mirtes teve que levar o cachorro da casa para passear. O filho ficou aos cuidados da patroa. Sari pintava as unhas, não queria ser incomodada. Miguel abre a porta e entra no elevador, deseja apenas encontrar a mãe. Precisa dela, como toda criança de cinco anos.

Sari é branca, rica, mantém duas empregadas na casa, mãe e filha. Avó e mãe de Miguel. Uma família preta. Estamos numa

pandemia, o coronavírus mata milhares de brasileiros por dia. Na casa de Sari, a rotina de privilégios não dá trégua. Mirtes e Marta são obrigadas a continuar servindo à família da patroa. Apesar do risco iminente de contaminação. Com a creche fechada, a mãe precisa levar Miguel para o trabalho.

De volta ao elevador do prédio chique. Sari resolve ir ao encontro de Miguel, mas não o leva para dentro de casa. Ao contrário, a mulher aperta o botão da cobertura do prédio de 22 andares. Atitude assassina, que sugou a vida de Miguel. Ele caiu do nono andar. Se pendurou na mureta desprotegida para localizar a mãe. Mirtes estava no térreo. Foi ela quem encontrou o corpo do filho estirado na entrada do edifício.

Repito: O que posso eu dizer para Mirtes, diante de tamanha atrocidade? Não tenho em mim palavras edificantes de consolo diante da tragédia que assolou sua família. Não foi perda, foi crime. Crime covarde, racista, cínico, repulsivo. Se num gesto de humilhação contra minha filha, senti raiva profunda, sede de provocar dor física no velho e deixá-lo estrebuchado na praça da igreja, o que teria eu pra dizer para outra mãe que nunca mais vai colocar seu filho para dormir?

Miguel, João Pedro, Ágatha, Jennifer e tantas outras crianças e jovens negros são mortos brutalmente todos os dias no Brasil. São números assustadores, de uma estatística macabra. Um projeto bem arquitetado que tenta eliminar toda uma geração, por conta da cor da pele. Corpos abatidos como pombos no clube de tiro ao alvo. Balas perdidas que sabem bem em quem chegar. Mães que esperam os filhos que não chegam. Crianças interrompidas. Vidas em pesadelos incessantes.

Brasil, 2022. Os algozes de Miguel vivem ao sabor da liberdade que lhes é garantida. Mirtes dribla a dor e corre atrás de justiça. A Justiça não tem pressa. Mas tem cor. E não é a cor da família de Miguel. Nem do João Pedro, da Ágatha, da Jennifer...

**ELISABETE
NASCIMENTO**



**O baobá do Quilombo do
Grotão**

Eu acordei com uma voz sussurrando em meus ouvidos. Era a minha tataravó Maria Vicência dizendo: - “O tempo da novidade é agora. Dos jovens há mais tempo e dos jovens há menos tempo. Tempo de estripulias. Tempo de fuxico. O tempo inteiro. Da alegria, da curiosidade de perguntação, das crianças. Mas por quê? Por quê? Por quê? À criança cabe em versos responder: brincar de magia fazer. Transformar cada estilhaço da Árvore em novo ser; alimento, escultura, folhas de dobradura, folhas de escrituras...

Sem nada entender, ajeitei o ferro de carvão pra minha avó Deolinda engomar a roupa da missa que, aliás, não era missa. Era uma cerimônia aos pés da Árvore Sagrada. O Baobá era o nosso mais antigo ancestral. Um memorial frondoso que guarda a memória de cada Ori. Ao lado dele, no terreiro de terra batida, fica a minha casa de estuque. Tudo em minha enorme família é motivo de celebração. Desde a hora em que acordamos tomando a benção. Na hora de acender o candeeiro, na hora da comida. Quando vamos para a plantação de bananas ou vamos dormir, começa a tomação de benção. Pra economizar, eu dizia, bença mãe, pai, vó, vô, tia,

tio, mãe do coração, mãe-vizinha, mãe-benzedeira, mãe de leite, mãe de santo... Vovó não gosta nada dessa economia e me faz tomar a bença um por um.

Na hora de sair de casa, minha mãe pede para que Ogum, o senhor da forja, nos proteja das balas perdidas. Eu pensei eufórica que maravilha encontrar balas perdidas. Eu adoro balas pra adoçar a boca. Mainha me corrigia:- Não fale besteira. Não se desvie do caminho da escola. Tome a benção ao Baobá quando passar sobre as raízes dele e não me esconda nada, porque ele vai me dizer se você se desviou do caminho materno. E lembre-se, balas perdidas são balas dundum. Elas são amargas. E depois de prová-las, você retorna para os antepassados, sem cumprir a jornada de se transformar em um ancestral. É pra isso que a gente nasce criança, torna-se criança e continua criança pelo caminho. Cuidado heim, menina!

Sara e sua irmã seguiram em direção à escola. No caminho avistou o Baobá muito cabisbaixo. Em pleno verão, estava entristecido. Suas folhas amareladas desmaiavam no chão de terra preta. Era a melancolia. A Árvore já tinha lido a intenção dos homens de terno branco. Todo Baobá sabe falar e ler pensamento de vida e de morte. A menina pensou: - Será o fim da árvore falante? Antes mesmo do último suspiro de fotossíntese, a Árvore começou a contação de sua história e fez um pedido às meninas...

Há muito tempo, no tempo dos avoengos, lá no Benim, havia povos de alta-magia, falantes de várias línguas. Também havia uma árvore sagrada, que iluminava a vida de toda a comunidade. Tinha poderes especiais. Mas houve dias

sombrios, em que gente invejosa quis acabar com os sábios e seus encantamentos. A ambição era tanta que começaram a vender gente. Os sombrios tinham medo dos guerreiros que sabiam falar com gente-planta, gente-pedra, gente-bicho e gente-Árvore. Os povos de extrema ambição resolveram que nosso povo deveria esquecer da alegria, do próprio nome e da terra onde plantavam Baobá e em torno do qual dançavam para louvar aos antepassados. Quem dança para o Baobá não tem que lembrar pois de nada esquece. Mas o vendedor de gente fazia as pessoas darem nove voltas em torno da árvore. Era um ritual de esquecimento, de destruição das famílias, das linhagens e da memória. Todos ficaram muito tristes, com melancolia. Era uma dor da alma chamada banzo. Para espantar o sofrimento, eles dançavam, cantavam orações de sobrevivência. Declamavam versos de Ori. Tudo guardado em segredo na cabeça, no ori, e no corpo do Baobá. Na calada da noite, os sombrios abarrotaram os navios, com líderes, sacerdotisas, homens corajosos, crianças como eu. Mercadoria em carne e osso.

Era uma confusão total. Uma violência só. Arrancavam os filhos das mães, obrigavam mulheres amamentar os filhos dos sombrios. Porém, os sábios se uniram, tornando-se irmãos de luta pela vida. A Rainha-mãe nos enviou um verso de luta: - “Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer.” Eu e minha irmã pensávamos, o que fazer?

Tempos depois, essa história me voltou à cabeça, no dia em que uma comitiva do governo, formada de homens de terno branco chegou na Comunidade do Engenho do Mato, para nos arrancar da terra, arrancar o Baobá, para fazer a gente

esquecer de nosso terreiro, o Quilombo do Grotão. Era o mesmo ritual do esquecimento dos sombrios. Lembra? Eles inventaram o Parque da Serra da Tiririca, queriam a preservação. Porém, nem nós, nem o Baobá, nem nossa memória seríamos preservados. E aí, mais uma vez, a voz me sussurra. Agora a voz do meu Tata Manoel Bonfim me diz para preservar o corpo do Baobá... Recolha cada pedaço decepado da Árvore sagrada. Então, com prudência e afeto, deste corpo de memória faça um memorial de alegria.

Eu obedeci, guardei os mil estilhaços, como o tata me disse. E fiz a minha primeira obra de arte com madeira de demolição, o corpo estilhaçado do Baobá. Suas raízes foram asfixiadas, soterradas no concreto de indiferença e de destruição. Minha escultura é semente da Árvore sagrada que me confidenciou suas contações do tempo do Benim. Você lembra, do ritual do esquecimento? O Baobá, que é eterno, ficou feliz porque eu plantei suas sementes em cada escultura minha. Já minha irmã transformou o tronco em folhas de um caderno cheio de contações das histórias do nosso povo.

ESMERALDA RIBEIRO



A visita

– Olá, senhora. O amor-próprio está na portaria. Ele pode subir?

– Não, diz para ele que estou atarefada. Carrego o mundo na cabeça. Que tempo teria para mim?

– Senhora, o amor-próprio diz que vai esperar, disse que não tem pressa. Ele pode visitá-la até de madrugada.

– Agora estou sem tempo. Diz para ele que já acordo com amor dos outros dentro de mim e sempre deixo um pouco para cozinhar na comida. Não quero ter overdose, sem prescrição médica, posso até morrer de amor. Diz para ele ir embora. O sono recarrega à noite as baterias do amor dos outros dentro de mim. Virou rotina.

– Senhora, o amor-próprio disse que não vai embora. Ele chegou para ficar. Ele disse que não é fofoqueiro, mas sabe que a senhora deixou entrar ódio, raiva, discórdia, obediência e silêncio em sua casa. O amor-próprio decidiu que vai morar dentro de você. Comentou também que sabe que a senhora se maquila, se veste bem, mas por dentro tem muitas feridas que precisam ser cicatrizadas. A prática e o tempo unidos vão curá-la. Ele está até rindo, dizendo que outras mulheres surgirão dentro de você.

– Ah! O amor-próprio é insistente. Talvez o deixe entrar na minha casa durante a madrugada. Mas só depois de programar as tarefas e as refeições do dia seguinte. Talvez eu libere a subida dele lá pelas altas horas... Na madrugada estou esvaziada de amor. Seja firme com ele, diga para entrar sem incomodar o processo que começa dentro de mim, que é o amor dos outros. Ele pode ficar comigo até o sono chegar.

– Entendeu?

– Sim, senhora.

– Escuta bem, seja firme, diga exatamente o que estou falando. Diga para o amor-próprio ser discreto, quando me vir na portaria, não me olhar, fingir que não me conhece. Que ele nunca acompanhe aquelas mulheres que têm medo da solidão e por isso topam tudo por uma companhia. Que ele fique sentado no banco, lá fora.

– Senhora, tem mais uma coisa. O amor-próprio trouxe uma mala.

– Pergunte para ele o que tem dentro dela.

...

– Ele disse que tomou a liberdade de trazer a autoestima. Para a senhora não se assustar, vá vestindo-a a cada dia. Ele disse que não quer nada em troca, apenas cuidar mais da senhora.

– Será que o amor-próprio chegou de carro, de ônibus ou de avião?

...

– Senhora, ele não quis responder.

– Ele chegou à moda antiga, bem que ele podia ter escrito uma carta, passado um telegrama ou enviado um fax, me avisando da visita.

– Diz para ele sentar no banco lá fora e esperar...

– Vou avisá-lo, senhora.

– Bom dia, boa tarde, boa noite!!!

O jovem, o cachorro e eu

Aquele jovem levava seu cão para passear. Do condomínio acompanhava as etapas da vida daquele jovem. Eu morava no térreo e diariamente, no mesmo horário, o jovem levava seu cão no carrinho de bebê. Debruçada na janela, meu olhar acompanhava-os até a portaria. Do WhatsApp do prédio avisaram que o seu cão morreu. Chorei. O jovem sumiu. Chorei. Pensei: ele que se dane. Mas... Resolvi dar-lhe um cão de presente. O amor renasceu no jovem pelo cão. Não me importo com os gritos: sai da janela velha, não tem mais o que fazer? Faço um muxoxo e respondo: – Dane-se! Todos.

FERNANDA LUIZA



O inferno

Olívia sempre fez parte do coro da igreja, alegre e brincalhona fazia das orações uma rotina diária. Mas a mãe notara que a menina nunca falava de um possível namorado, as meninas da idade dela já se ocupavam desses assuntos.

Em um dia, sem esperar, Olívia chamou a mãe para uma conversa. A menina suspirou longamente como se fosse tomar fôlego para contar algo.

- Mãe, preciso dizer-lhe algo

- Sim, filha, responde a mãe.

- Então, queria dizer que estou apaixonada por uma garota.

A mãe ouviu, fez-se alguns minutos de silêncio e então ela entrevistou dizendo entender. As palavras de Cristine soaram numa ternura sentida, mas não se ouviu mais que essa palavra.

Na igreja os burburinhos, e claro que o sacerdote veio conversar com a mãe. Com palavras de desaprovação disse que se Olívia não tomasse, juízo iria para o inferno.

Cristine sabia a filha que tinha, a criara com amor, afeto e bondade e ela, Olívia, era tudo isso. Como uma menina assim iria para o inferno? Nesse momento, ela suspirou e como preparada para um mergulho respondeu ao sacerdote:

- Bem, se ela está condenada ao inferno, é para lá que irei junto com ela.

GIOVANNA FERNANDES

Histórias para meninas pretas



A menina preta subia com os baldes d'água nas mãos dia após dia. Lá fora, o mundo corria repleto de carros, prédios e gente ofegante. No sítio onde morava, alto era o morro e o poço. A casa de estuque precisava ser abastecida, os membros da família aseados, alimentados e a casa arrumada. Ler encantos literários nesse desencanto exigia esforço. Entre o pegar água, ajudar a cuidar dos irmãos, varrer o quintal e arrumar tudo, era só ela de menina para dar conta; diziam que meninas serviam para isso, ela encontrava um espaço para ler literatura. É isso, encanto mesmo só nos contos de fadas que lia e relia. Primeira paixão da vida. Eles lhe serviam de consolo e alívio. Voava nos pensamentos!

Mas, o fogão a lenha lhe exigia certa concentração e destreza, logo, o mundo da lua teria de esperar. Entre uma fuligem aqui e uma fumaça ali a menina cheia de cinzas, parecida com aquela do conto de fadas, precisava procurar e armazenar lenhas, limpar os pretumes das panelas velhas sim, porém, limpas. Areá-las com areia era uma obrigação! E isso com sorriso no rosto, pois há de se dar um grande valor aos alimentos feitos no fogão a lenha, mesmo os mais simples deles, como as sobras de alguém como a cabeça, vísceras... do

boi doados pelo vizinho. Raízes tuberosas plantadas no sítio e assim vai.

Campo Alegre, zona rural, seu lugar de pertença, este em si configurava motivo de zoação por parte dos amigos escolares. E o chegar na sala de aula com os únicos tênis que tinha cheios de lama, por causa da estrada de barro, por exemplo, intensificava a situação. Não bastava ser boa aluna tinha que ter a pele branca e morar na cidade assim evitaria ser a chacota da classe. No rosto magro um leve sorriso sem voz para diminuir a dor. Lá estava ela sem príncipe para defendê-la, sem carruagem, sem fada madrinha, sem magia. Mas, os ratinhos e ratazanas, ah sim! Esses existiam no quintal de casa. Qualquer dia desses esta abóbora virará uma carruagem e conhecerei o mundo! Pensava ela. A leitura faz a gente viajar para tantos lugares.

Mas, a ficha caía em seguida e exclamava: Contos de fada que nada! Refletia. A vida de uma preta humilde moradora da Baixada Fluminense está longe dos grandes encantos dos perfis eurocêtricos. Por vezes, vazia de oportunidades, todavia, é preciso encarnar a resiliência, encucar os sonhos e perseverar nas esperanças. Seguia no caminhar. Sonhar com uma vida melhor era a meta principal da menina preta e fez disso seu único propósito de vida. Mesmo sendo tachada de chata e maluca por não querer sair de casa para “aproveitar a vida” lá fora na cidade de concreto. A menina preta, pretinha sabia da difícil realidade da vida e as projeções impostas pela sociedade, entretanto, ciente do poder que tinha dentro de si para mudá-las. De fé e confiança a preta se vestia.

Entre baldes, lamas e fuligens a meta para o futuro seguia intacta. Era preciso estudar mais e outros mundos se abriram com os cursos técnicos profissionalizantes. Logo, veio o pré-vestibular comunitário e os longos dias de estudos aos sábados com apenas um lanche no estômago. Ia para Nova Iguaçu, cidade grande aquela, estudar, com a benção da mãe e uma grande confiança no Eterno, para ser aprovada em uma Universidade Pública. Mesmo ouvindo que em algum lugar na História decidiram que somente alguns elitizados calçam sapatinhos de cristal, encontram príncipes, a Fera vira príncipe... Não deu ouvidos. Insistiu!!

Aprovada!! Letras na UERJ!!! Gritou e chorou. Universidade Pública era o sonho da menina preta. Agora jovem preta e universitária. No dia em que saiu a lista dos aprovados sentiu um nó na garganta, lágrimas de felicidade, na verdade, um misto de emoções. Constatou que não teria dinheiro para ir estudar. As abóboras do quintal não virariam conduções públicas. Os livros e as xerox precisam ser adquiridos e custam caro. O passe de mágica não existe! Sapatinhos de cristal tem seus prestígios, mas é alto o valor da manutenção. Da mãe ouvi a seguinte frase: “Você vai conseguir estudar lá filha, se passou no vestibular vai terminar o curso, pois Deus vai te ajudar”. A jovem preta creditou.

A jovem preta se tornou responsável pelo seu destino ao começar a ler, primeiro os contos de fadas, depois literatura brasileira... Livros didáticos e Revistas. Todos lá da Sala de Leitura da escola. A literatura lhe abriu novos horizontes. Na leitura, ou por meio dela, lá na pré-adolescência, lhe mudou a sorte pré-determinada. Cambiou o futuro. Ao crer na Palavra

selou seu viver. Descansou nas promessas e viveu o deveras árduo, e, por vezes, pensado ser inalcançável desejo de se tornar professora de literatura. A menina cresceu e uma excelente profissional se converteu. Tudo por causa da ousadia em sonhar e realizar sonhos não permitidos pela elite detentora do poder. Afinal, eles jogam nos rostos das crianças negras a dor da realidade do povo preto embaçando seus olhos para o potencial humano latente dentro de cada um dos jovens pretos e pobres residente em cada canto do enorme país chamado Brasil.

Portanto, coube a ela, tão somente ela, mudar isso. A fada madrinha não viria mesmo! Mas, a jovem preta, agora mulher preta formada e pós-graduada repleta de paixão pelas letras e fé nelas. Calçou o sapatinho de cristal e não o perderia jamais. Afinal nenhum príncipe voltaria para calçá-la. É bem verdade que a todo momento te julgam incapaz de usá-lo. Sorte a dela não ter internalizado essas falas repletas de conformismos e de racismo estrutural. Não deixou que essas informações invadissem o seu coração criando raízes até se tornarem reais em sua vida. Isso, foi um ato de coragem e de luta. Na verdade, mudou sua sorte. Afinal, ela era uma menina preta, destemida e decidida com uma ancestralidade guerreira e forte. Aprendeu a carregar os pesos da vida ciente de que um dia leves se tornariam. Aprovada!! Primeiros lugares em dois concursos públicos!! Gritou a mulher preta. Hoje, mãe de uma linda menina preta que carrega, assim como ela, livros nas mãos e sonhos no coração.

HONÓRIO LIMA NANQUE



Os polegares falhados

Certa vez, antes de os cientistas descobrirem que a terra girava em torno do sol, havia dois grandes homens fortes, poderosos, cheios de ideias ambiciosas de fazer o sol brilhar para todos trazendo alegria na pele da população chamado Ndukunó Có e Abaina Cá. Eles viveram na caverna grande chamada Éniug-Uassib com muitas luzes sem as claridades, o que não permitia a população ver os seus íris.

Ndukunó Có era de caneta curta baixinho e de cabelo crespo, olhos amendoados, garganta redonda de origem vertical e menos sorridente, figurado na lista das pedras preciosas da cidade, tendo em conta o poder do fogo que tinha e que era capaz de fazer mentes de população ficarem tranquilas.

A Abaná Cá de olhares fortes, capaz de fazer os dentes de pessoas saírem pela rua e nadando, homem de nariz malfeito, brincalhão e sorridente. Foi conhecido na comunidade como homem de argumentos açucarados. À caneta dele tinha mais de um metro de comprimento, acreditava na lei, na liberdade de expressão e na justiça. Um dia, essas duas grandes figuras decidiram disputar a liderança da caverna.

- M'pack, tu sabes que o Nduno Có e Abaina Cá vão disputar a eleição deste ano? Perguntou Mossô.

- Não sei. Aliás, eu não queria saber disso, porque todos os políticos são... disse M'pack.

- Não vem com este argumento, nós precisamos de um político que tirará a gente nesta escuridão.

- Sabes quantas vezes que já sujei os meus dedos neste tipo de brincadeira camarada?

- Não sei, mas uma coisa é certa, devemos esquecer o passado ruim e reconstruir o presente para o bem-estar do futuro coeso que será capaz de trazer um sorriso duradouro.

- Hum, não vem com essa teoria de esquecer o passado, a grande verdade é que uma coisa é teoria e a outra é prática. Agora é hora de praticar e não de teorizar, porque quando sentem lá, só pensam no bolso do quarto deles. Disse M'pack.

Com certeza, a caverna precisava de um líder com visão geopolítica que possuísse a mente da resistência forte para empurrar o portão da caverna para que todos observassem o outro mundo em que cada pessoa terá acesso gratuitamente para receber agulha de refrigerante nas veias, de estar dentro de quatro paredes para combinar a força motora com a mente, para conhecer o mundo invisível e separar o discurso hegemônico e contra hegemônico presente no planeta.

A população vivia mais de sete décadas sem olhar as lâmpadas acenderem nas grutas, carência de nitrogênio no lugar que curava o corpo na terra dos vivos; precisavam-se de higienizar os olfatos porque a poeira tomou conta deles e todos estavam ansiosos de presenciar a famosa proposta das suas avós que lhes diziam “nós que não vivemos o nosso tempo com sorriso escancarada nas faces, no entanto, os nossos netos viverão!” Esse desejo foi escrito na ponta das línguas de gerações e gerações. Por isso, os labiodentais deles nunca esqueceram dessas esperanças maravilhosas.

No momento do contato do cérebro com a garganta, os concorrentes à liderança da caverna disseram múltiplas promessas superiores às populações. Todavia, o povo já estava

acostumado com esses tipos de demagogias de navegações marítimas estranhas nos ouvidos desde 1994. Portanto, não era surpresa aos residentes porque a cada dia morriam sementes de papaia dentro do fruto, em todos os anos.

As canetas não tiveram liberdade de serem levadas ao lugar destinado; são guardadas nas mochilas com tintas cheias, pois em nenhum momento o destino de quatro rodas foi pintado preto aos arredores da caverna. Os órgãos das paredes das grutas jamais conheceram a gota de lágrimas limpas que faz o coração flutuar, nem tão pouco tinha oportunidade de olhar a claridade da estrela na caverna.

Por mais que a população fosse consciente das atitudes dos sapatos desses políticos, decidiram honrar os seus direitos de votar com bel-prazer e a responsabilidade no seu dedo indicador ao bem-estar de si. Como o candidato baixinho era amigo próximo do vento verde de boné vermelho foi declarado como o vencedor do sufrágio. O que estranhou vinte e cinco salivas grossas do povo da caverna.

As temperaturas escondidas nas colunas vertebrais explodiram silenciosamente com barulho, sangue começou a descer nos olhos de população para os cheios, à boca não escondeu as suas palavras melancólicas em cima do nariz, mas nunca foi ouvida pelo senhor da caneta curta.

Algumas pessoas que fizeram parte do tapete da caverna disseram:

- Não, dessa vez, vamos olhar o sol porque estamos assistindo a sua nascença!

- Tomara que seja! Embora ainda é cedo para dizer aquilo. Respondeu-lhes outro sujeito eu que não gostaria de mencionar o nome dele aqui, peço-lhe a compreensão!

Depois do primeiro passo de setenta e cinco metros do comprimento do chefe, os odores dos olhos verdes chamaram

atenção do povo com face tristemente maluca. O tempo e o fogo começaram a chover suavemente com as gotas de gelo, principalmente no extremo direito e prejudicaram muito os que tiveram as mãos de choque transitarem o fogo enorme de um metro e noventa centímetro de altura com dentes de leão com olhares atentos de segundo a segundo.

Esse fato, deixou as geladeiras das pessoas da extrema direita tristemente vazias e leve porque não tinha companheiro que costumava ter todos os dias. A maioria cachorrinhos da extrema direita, especialistas em verdade que se acostumaram a ladrar no Facebook foram espancados.

O recém-empossado na qualidade de primeiro magistrado da caverna declarou publicamente que só ele poderia semear planta de espinho na caverna e mandar retirá-la quando quisesse. Ninguém tinha ousadia de se posicionar contra porque tinha bonés vermelhos ao lado dele, são capazes de fazer o que ele quer porque é general de assobio comandante de árvores. Ele sinistrou moralmente o seu adversário político até no ponto de se exilar. As expectativas que a população tive em olhar e sentir a temperatura do sol, se esconderam atrás de suas bochechas.

**JANAÍNA DE AZEVEDO
CORENZA**



Rosa preta

Uma menina nasceu. Pele escura, cabelos ralos, um choro estonteante. Chegou ao mundo com ar de leveza. Carrega consigo um peito cheio de vontade de viver. Chegou antes do esperado. Depois de alguns dias, enfim seguirá para seu lar. Rosa. Seu nome será Rosa, explica Dona Josefa, a avó materna. Interrogada pela mãe que quer como resposta que seja algo singelo e doce. Mas não. A resposta é outra. Será Rosa porque sua pele irá clarear.

Rosa era filha de mãe preta e pai branco. O desejo de uma pele mais clara possibilitava viver menos violência. Talvez Rosa poderia encontrar na sociedade caminhos diferentes da sua avó materna e da sua mãe. Crescia em um meio pobre, simples e com muitas ausências. A primeira ausência foi o pai. Aos 4 anos começou a questionar sobre a figura paterna. Quem era, como era, onde estava e o que fazia. Não sabiam dizer. A avó desconversava e a mãe silenciava. A única informação que teve, aos 8 anos, era que o pai era branco. Rosa imagina seu rosto, seu corpo e sua voz. Aprendeu na televisão, nos livros da escola e nas falas dos adultos que o “ser branco” era algo bonito, inteligente e capaz de grandes coisas. Via em si, que poderia então ser tudo isso, mesmo com a pele escura, afinal, era seu pai e carregava dentro de si, o que dele era agradável.

O tempo passava e Rosa, de pele escura, não teve em seu corpo a marca da possibilidade de ser vista e valorizada. A avó olhava para a pequena criança e pensava nos desafios que viveria ao desenvolver seu corpo de mulher. Não ficou com a pele clara do pai. Rosa, sempre foi uma bela criança, inteligente, faladeira e muito curiosa e de pele escura. Sua mãe e sua avó mostravam para ela suas capacidades. Ensinava o amor com pequenos gestos e fincava em sua palavra, que poderia crescer sábia, independente da cor da pele. Rosa acreditou nisso e criou suas próprias resistências.

Certo dia, em uma festa de família, parou e ficou admirando a prima Isadora. Sua pele era clara, seus cabelos voavam ao vento e suas mãos vinham ao seu encontro. “Vamos brincar?”, perguntou a pequena Isa, como a chamavam. Rosa deu a mão e foi. Já com 12 anos indagava a diferença entre os corpos, os desejos e os anseios da vida. Conversou com Isa sobre os planos futuros e os amores da juventude. As duas em altas gargalhadas, zombavam das diferenças que a sociedade impõe e crucifixa. Quero ser astronauta e namorada. Prefiro ser bancária e debochada. Sonho ser médica e dançarina e quem sabe advogada e presepeira?

Certa vez no pátio da escola uma colega a chamou de “Rosa Preta” e ela ficou paralisada. Na sua cabeça vieram as falas da avó materna e da mãe e somavam a isso, várias imagens de rosas pretas, jardins floridos, lírios do campo. Sorriu. A menina provocadora então correu e gritou novamente “Rosa preta, Rosa preta!”. A pequena Rosa, adolescente olhou para os lados e se viu em uma roda, cercada de outras meninas. De peles claras, de peles escuras, cabelos crespos e outros ao

vento. Parou e exclamou: “Rosinha, nascida em pele preta que muito sabe, muito entende, muito pergunta. Rosa, gloriosa, capaz e potente, lutou pela vida logo ao chegar neste mundo, oh grande Rosa, será uma mulher incrível, ocupará postos de prestígio e permanecerá sorridente”. O silêncio foi assustador. Um clarão parecia surgir após sua fala. A menina, provocadora, olhou para o lado e indagou: “Quem és tu afinal?” Rosa, subiu em uma cadeira e gritou “Não sou pele, não sou cor, sou gente, sou capaz, sou orgulho, sou generosa, sou poderosa, sou Rosa. Posso ser preta, branca, verde ou azul, mas sou antes de tudo ser humano, tenho sangue correndo nas veias, disputando a vida, colorindo sonhos, potencializando desejos”. E da cadeira desceu, de cabeça erguida, sorridente e com o coração acelerado com receio do que viria depois daquele discurso. As meninas estavam na dúvida se aplaudiam ou se choravam. Com olhos estarecidos, e duvidosos já que até então aprenderam que a pele preta era só uma pele preta. E ali aprenderam que são todas meninas, moças, que querem um espaço no mundo. Mundo poético para umas e desastrosos para outras. Quem és tu Rosa, que em palavras poéticas mostrou a outras que pele não resume quem tu és. Rosa saiu da roda e encontrou olhares duvidosos sobre sua fala, mas também encontrou olhares acolhedores de outras, que como ela tem a pele escura. Como ela vivem desafios, lutam por seu lugar, têm planos de vida, colecionam amores impossíveis e constroem castelos em seus sonhos imaginários. Precisamos de Rosas e muitas rosas.

**LETÍCIA MACEDO
FIGUEIREDO**



Meu processo

Como é frequentar um lugar em que não sou vista? No início, pensei que não era nada pessoal ou que poderia mudar aquela realidade. Afinal, se eu mostrar que consigo ser igual ou até melhor do que eles, também posso ser respeitada. Bom, era o que eu achava, mas não foi – e talvez nunca seja – assim. A questão é: como buscar pertencimento em um lugar que não foi criado para abraçar pessoas como eu?

Nos primeiros anos, vivi uma espécie de ilusão misturada com fascínio. A primeira pessoa da minha família materna, composta por pessoas negras, a entrar em uma faculdade e, para melhorar, pública e de qualidade. Uma das melhores do país. Você também se sentiria no topo do mundo, não? Talvez não pareça nada demais para você, mas foi um grande feito para mim justamente porque a vida sempre me mostrou que aquele não era o meu lugar. Mas não quero focar exatamente nessa sensação inicial, e sim em como isso tudo mudou. Apesar de ter caído na realidade rapidamente depois da minha fantasia inicial em ver a universidade como um lugar verdadeiramente plural – infelizmente, não é bem assim -, eu consegui lidar e aprendi (com muito afeto) a me sentir pertencente àquele lugar. No fim das contas, ele era meu também, mas esse esclarecimento não veio tão rápido.

A mudança total foi justamente meu retorno a esse lugar físico depois de dois anos devido a uma pandemia mundial. Aquele sentimento de pertencimento o qual eu consegui agarrar e acreditar foi totalmente despedaçado. Mesmo que eu tenha tido experiências desagradáveis – por falta de palavra melhor – na universidade, em nenhum momento eu me senti totalmente não digna de estar ali. E, pronto, dois anos depois disso tudo acabou.

Desculpe se parece que estou dando voltas antes de partir para o principal. O foco aqui é a solidão, mas não do jeito que já conhecemos, mas como foi possível eu enxergar ela como uma companheira de muitos anos que não já fazia tão bem para mim com sua presença. Isso é um manual de superação ou algo do tipo? Não, claro que não! Também não quero ser vista como uma pessoa forte por ter que lidar com o racismo, esse estereótipo me limita e corrobora para essas possíveis experiências. Isso é um pedaço de mim, é a minha tradução de como é ser eu, como é viver na minha pele – não de um jeito egocêntrico, ou talvez até seja, mas sim como uma mulher negra. É a minha versão.

Com tanto carinho e amor na minha vida pessoal, como eu poderia não me sentir adequada no lugar em que estou trilhando e construindo minha vida acadêmica? Voltar para o prédio que sempre considerei meu e não me ver em tantos rostos foi muito difícil e triste. Ver que a minha/nossa presença e permanência já não era tão forte assim me desestimulou

muito. E para piorar: eu ainda tive professores e colegas que reforçavam esse não-lugar¹¹.

Eu merecia, ainda mereço e sempre vou merecer estar ali. Me questioneei diversas vezes em relação a isso, não houve fórmula mágica ou oração para Oxum que me fizesse entender, mas houve muito afeto tanto de fora para dentro, mas, principalmente, de dentro para fora. Eu fui tão carinhosa e paciente comigo, tentei ao máximo me olhar com carinho e amor para entender o que eu estava sentindo e como nada disso é culpa minha. Como minha mãe Oxum me ensina todos os dias, eu me olhei com amor, eu me cuidei com carinho, eu me priorizei, eu me entendi e eu, finalmente, me enxerguei. Esse processo talvez nunca tenha fim, porque eu vou mudar e amadurecer aos longos dos anos e muitas coisas ainda vão acontecer. Talvez em alguns momentos seja bem mais doloroso e paralisante, mas eu não quero nunca desistir de mim.

Solidão, você já não é mais tão bem-vinda. Você já foi uma grande companheira e me fez acreditar que não sairia do meu lado – a solidão a qual me refiro aqui é a arrebatadora, a que nos faz acreditar que estamos sozinhos com sussurros doces nos momentos mais inoportunos. Talvez você ainda apareça ou tente se infiltrar na minha vida de forma permanente, mas, agora, consigo enxergar que você não me define. Você é a experiência que tenta se tornar parte do meu ser, mas não sou

¹¹ Incrível expressão que Lima Barreto usou em suas obras para demonstrar as experiências universais das pessoas negras e marginalizadas em geral.

eu. Eu sou eu. Eu sou excelente. Eu sou inteligente. Eu sou capaz. Eu sou suficiente. Eu sou mulher. Eu sou amiga. Eu sou filha. Eu consigo. Eu vou. Eu posso. Eu sou uma pessoa. Eu tenho sentimentos. Eu tenho pessoas que me amam. Eu sou muito mais do que minhas experiências.

De novo, isso não é um manual de superação nem nada parecido. Nem uma tentativa de trazer uma história triste com final feliz. Isso é um grito ao mundo, é a tradução da minha alma e pensamentos. Essa sou eu retomando meu lugar como mulher negra e contando minha história. Eu nunca vou parar de lutar por mim mesma.

**MARIANA FERNANDES DOS
SANTOS**



Memórias de um furto

Furtei um chocolate no supermercado!!! Sim, fiz isso, aos 12 anos! Aconteceu em um sábado à tarde, daqueles que eu era obrigada a ir aos compromissos religiosos que nem gostava.

Eu queria saber o gosto daquele chocolate famoso, que eu via as crianças comerem quando passava na televisão e desejava ter. Não era fácil, financeiramente, comprar porque para a minha realidade, era caro. Um funcionário olhou o meu furto e seguiu com seu trabalho. Ele tinha um olhar preocupado, mas condescendente.

Sai do supermercado feliz, em direção à pracinha, com a possibilidade de provar aquele chocolate, e ignorei o fato de estar fazendo algo “errado”. Mas, de repente, fui abordada por outro funcionário, que, de maneira bem rude, me pediu que eu devolvesse o chocolate, que já estava quase no final. E ele acrescentou: Eu já sabia que você faria isso, desde quando adentrou ao supermercado.

Devolvi praticamente a embalagem vazia. O medo maior era de envergonhar a minha família, em especial, a minha Mãe. Me vi sozinha, pulsação mais forte... Minha única reação foi pedir desculpas e dizer que não faria mais aquilo. Ele levou a embalagem manchada com o que restou do chocolate.

Depois que tudo aconteceu, segui para a pracinha com medo, sentia um “aperto no peito” e falta de ar! Ali, sentada, vestida com um conjunto cor de rosa, que costumava usar nos finais de semana, me senti culpada e uma grande criminoso, e fiquei a pensar:

Por que eu fiz isso?

Por que um funcionário me disse que sabia que eu faria aquilo? O que ele viu em mim, para dizer isso?

Por que o outro funcionário não agiu como o colega?

O que ele não viu em mim, que o outro funcionário viu? Ou ainda, o que ele viu, e outro funcionário não viu?

Eu, ré confessa da autoria do furto, sem respostas, segui com essas memórias que somente agora, consigo externar e dividir.

Essas são lembranças e perguntas que têm sido respondidas ao longo da minha história, de forma muito dolorosa, mas também, como um levante de vida para seguir.

E agora, pergunto a você: Qual funcionário você é ou seria? Quais seriam as suas respostas para as minhas perguntas e memórias? Será que essas memórias são somente minhas...?

MICHELLE VILLAÇA LINO



Dandara não pode parar!¹²

Ah, Dandara! Para, Dandara! Essa menina não para! – frases que Dandara sempre ouvia, ria e se divertia.

Desde criança, Dandara sonhava em trabalhar, conhecer pessoas, conhecer o mundo. Dentro do quarto improvisado e dividido com sua irmã mais nova pensava como seria a vida quando fosse crescida.

Uma vez ouviu de sua mãe a história de uma guerreira que lutou bravamente para defender o seu povo. Pensava que, como Dandara dos Palmares, também seria grande e lutaria para defender os direitos das pessoas negras.

Menina esperta e atenta, por vezes moleca também. Forte como o desaguar das águas de uma cachoeira. Sua mãe dizia que Dandara era como as águas de um rio que segue seu caminho e ninguém consegue parar. Foi ensinada desde cedo a não abaixar sua cabeça para ninguém. E assim a menina fez!

¹² Dandara não pode parar foi adaptado e publicado no livro “Entre Fissuras e Tecituras: Histórias (com)partilhadas por mulheres negras. In: LINO, Michelle Villaça. **Entre Fissuras e Tecituras: Histórias (com)partilhadas por mulheres negras.** Curitiba: CRV, 2021, p. 74-77.

Na escola às vezes ouvia, vozes abafadas dos amigos que riam. Achavam graça do seu cabelo, diziam que Dandara não tinha espelho. No começo a menina quase murchou, mas numa conversa com sua mãe entendeu que seu cabelo era sua identidade e, por isso, motivo de orgulho e de vaidade.

Dandara ficava alegre toda vez que podia mudar de penteado sem ter que cortar seus cabelos, como no caso das suas colegas da escola. Uma vez na semana prendia seus cabelos, na outra os deixava solto, na outra fazia penteado com tranças e assim se sentia feliz.

Certo dia a professora da turma onde ela estudava resolveu fazer um concurso de beleza – um desfile de moda. Foram feitos panfletos com dicas de cabelo, roupas e maquiagem. Dandara foi convidada a ser uma das juradas. No começo ela se achou importante, mas entender o porquê foi convidada para julgar foi frustrante. Por que ela não poderia desfilas como as outras meninas? Por que teria que ser jurada com outros dois meninos da turma? A menina se entristeceu e ao chegar em casa, logo correu, foi se deitar na cama e começou a chorar.

Dandara chorou um mar de águas. Foi difícil fazê-la parar. Quando parou conseguiu contar o que houve para a sua família. Ainda chorosa viu no rosto dos seus familiares misto de tristeza e decepção, não com a menina, mas com a escola. A mesma escola que dizia combater o preconceito, a discriminação e o racismo, era a que praticava um ato tão duro e cruel contra uma criança de oito anos.

No dia da apresentação, a menina faltou, teve febre, tamanha era sua dor. Sua mãe conversou na escola, mas de

nada adiantou. Até quando crianças negras terão que passar por isso? – a mãe de Dandara questionou. Depois ela se levantou, saiu da sala da direção e nunca mais voltou.

Dandara foi matriculada em outra escola e assim que a criança iniciou suas aulas, sua mãe montou um grupo de pais para discutir questões raciais. Inicialmente, o grupo não teve muitas adesões, mas aos poucos foi crescendo e o que começou com um trio de responsáveis, passou a ser organizado por oitenta por cento dos pais das crianças que lá estudavam.

A menina, que não parava, viu a quem puxou. Além de exemplo de beleza, sua mãe passou a ser inspiração e modelo de mulher a ser seguido. O tempo passou e Dandara entrou na adolescência. A jovem liderava grupos, participava de movimentos negros, estudava e nas horas vagas ajudava sua irmã mais nova com o dever de casa.

Conforme crescia, ouvia sua mãe que dizia: “o primeiro marido de uma mulher tem que ser o trabalho”. Quando pequena não entendia, mas ao ver sua mãe criando duas crianças sozinhas entendeu que a ela caberia fazer o melhor para e por si própria.

A menina voou longe, seus projetos e envolvimento político lhe renderam convites para viajar representando os movimentos negros que participava e a escola onde estudava. Dandara não titubeou, aceitou os desafios e não parou.

O tempo passou e a jovem entrou para uma renomada universidade pública. Ela era muito inteligente, mas o que a motivou passar foi seu desejo de romper barreiras para cursar

o ensino superior. Não fosse uma instituição pública, não teria como custear uma faculdade privada.

Dandara fez uso das cotas, direito assegurado por lei, e passou para o curso de Psicologia. Formou-se em quatro anos e meio, pois um emprego na área apareceu e não podia perder essa oportunidade.

Durante o período da faculdade fez curso de idiomas – inglês e espanhol – com uma bolsa que ganhou num curso bilíngue. Comia marmitta no ônibus e andava quase três quilômetros por dia. Porém, sabia que para conseguir o que queria não lhe restava outra alternativa.

Enquanto esteve empregada, estudou; assim, em um concurso público, passou. No entanto, ela não se acomodou e logo que teve oportunidade no mestrado ingressou. Dandara conta que a primeira vez que foi tentar o mestrado resolveu conversar com sua possível orientadora.

- Eu se fosse você não tentava comigo – disse a agora ex-orientadora.

Como assim isso é possível? Dandara recebeu aquela fala com tristeza, mas não fraquejou, foi buscar em outra universidade meios de conseguir o que sempre desejou – ser uma doutora.

Dandara cursou o mestrado, tempos depois o doutorado, mas sabe que ainda tinha a sensação de que lhe faltava algo?

Muitos diriam que para uma mulher preta, Dandara venceu na vida. Mas o que é vencer na vida? É ter um emprego digno, um lugar para morar e dizer que é seu? É ter marido e filhos? É conseguir pagar o cartão de crédito quando a fatura fecha ou só utilizar a função débito? Vencer na vida é ter o básico (casa,

alimento, salário em dia)? Dandara se perguntava todos os dias.

Aquela criança impedida de desfilhar, rompeu com muitos estereótipos e paradigmas atribuídos às pessoas negras, ela não parou. O curioso é que a ela, assim como boa parte das mulheres negras, não lhe foi dado o direito de dormir e sonhar, a urgência de sobreviver fez com que Dandara logo cedo começasse a trabalhar. Dandara não abandonou os estudos, mas não teve o direito de somente estudar. Seria somente estudar um direito ou um luxo?

Dandara não parou e até hoje a criança que se transformou numa jovem mulher negra não consegue parar. Não porque não queira, mas porque não pode. Dandara entende que enquanto houver racismo não terá como descansar. Em respeito e em função da sua luta pelos direitos de pessoas negras, Dandara não pode parar!

NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS



Cadê Maria?

Cadê Maria? Aquela menina sempre foi teimosa e desde menina já se via em quem se transformaria. Ah, Maria...

Teve um destino diferente dos traçados por tantas Marias. Marias da Dores, Maria de Fátima, Maria do Carmo, Maria de Deus, Maria do Desterro, Maria da Penha e as somente Marias.

Quando menina, aprendeu logo o encantamento das letras, mas só a professora sabia. Não querendo acompanhar a família na anunciação do evangelho de porta em porta, simulava que nada aprendia e aos domingos se restringia a carregar o guarda-sol da mãe e das tias e nada lia.

Procura-se Maria que só por teimosia, como acredita sua tia, também Maria, não quis se casar com o velho pastor pai de família. Recusou-se também a proteção de Marcão, o miliciano que todos temiam. Disse não ao dono da boca que desde menino por ela se derretia e perdeu a chance de ser a sua rainha.

Do alto do morro descia Maria, mas ao contrário das avós, da mãe e das tias ela subia com a lata d'água vazia. Promovia pequenas rebeldias e na mídia ela transmitia enquanto sua mãe indagava: — Cadê Maria?

Água, segundo Maria, é direito que não se negocia.

Quando menina, sua voz foi a mais bela do coral e aos anjos ela sempre dizia: — Não me deixes cair em tentação, mas livrai-me do mal. De ouvidos atentos os anjos disseram amém e anos mais tarde a voz de Maria ecoou pelas vielas clamando por justiça por outras tantas Marias. Maria Lúcia, Maria da Glória, Maria Tereza, Maria de Paula e Maria Antônia.

Mas agora, cadê Maria?

A preocupação não é só de sua família. A patroa de sua mãe, que foi a mesma de sua avó, também procura por Maria. Afinal, ela já era “quase da família”. O neto da família branca nascera e já era certo a vaga de nossa Maria na casa da nova família.

Dona Damares, a patroa da mãe, já deveria ter criado outros planos, pois desde menina, Maria, durante as férias, se negava a cuidar das crianças desta família, enquanto o patrão de sua mãe na cozinha segredos lhe prometia.

Cadê Maria? Enquanto cochila com o balançar do trem da periferia sonha com outros destinos para si e para outras Marias. Todos os dias, entre um grito e outro dos vendedores ambulantes, Maria abre os olhos e dialoga com os textos de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Ana Célia, Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Cristiane Sobral, Cidinha da Silva, Elaine Marcelina e Lia Vieira. Para cada leitura vai traçando novos rumos e outras teimosias. Ah, Maria!

Entre uma leitura e outra observa que há um número cada vez maior de mulheres jovens no trem lotado, que além da preocupação de não serem bolinadas pelos homens que

teimam em frequentar furtivamente o vagão das mulheres, há preocupações outras.

Ao longo dos anos estas jovens mulheres e outras nem tão jovens assim, foram se armando para uma rebelião silenciosa da qual dona Damares e suas amigas temem, pois nunca esperaram tal traição.

Maria ouve as histórias de mulheres sobre os bailes funks da noite passada, das rodas de samba, dos amores, das preocupações com os filhos doentes, das mortes, nas quais os corpos de nossos homens foram alvos certos. Estas são detentoras de uma autoestima elevada com seus *black powers* em ristes, suas plataformas coloridas que seguem novos passos, suas tranças que chicoteiam o ar a cada curva do trem, seus vestidos coloridos e decotados, as novas Marias seguem armadas.

Seguram em suas mãos e discutem calorosamente os escritos de Ana Maria Gonçalves, Djamilá Ribeiro, Miriam Alves, Angela Davis, Maya Angelou, Sueli Carneiro, Carla Akotirene...

Enquanto isto, Dona Damares e a filha, ao segurarem o recém-nascido no colo, que nascera antes do previsto, olham uma para a outra e perguntam: - Cadê a “Maria” que estava aqui?

Os tempos mudaram e elas não perceberam que cada vez mais as mulheres periféricas estão sendo sequestradas e fortemente armadas pela educação.

Cadê Maria? Se alguém perguntar por aí diga que o ENEM levou a empregada doméstica que estava aqui.

RAI SOARES

Memória doce



Ana saiu do quilombo em busca de um sonho na cidade. Queria ser médica. Seria a primeira de sua comunidade a ir à faculdade. A família e a comunidade sonharam juntos com Ana, e juntos conseguiram mandá-la estudar medicina, depois que ela conseguiu sua vaga pelas cotas, na universidade pública. Ana, acostumada aos sonhos de toda sorte, deixou de sonhar desde que chegara à cidade. Também não ouvia mais em sua cabeça, as memórias ancestrais que vagueavam pelo seu território em busca de alguém que as soubesse acolher. Acostumou-se com sua nova vida. Depois de dois anos enfiada de corpo e alma nos estudos, Ana voltou a sonhar e a sentir memórias em sua cabeça. A primeira que lhe foi soprada nos ouvidos era distante de sua vivência cotidiana na cidade, mas lhe parecia familiar. Com a memória vinha um misto de sensações - um arrepio na espinha e um gosto adocicado de uma fruta madura que há tempos não comia. Ana acordou do transe sendo puxada pelo braço. Sua amiga Cida lhe olhou curiosa e perguntou em que mundo estava, pois parecia ter sido sugada por alguns segundos a um universo paralelo. Ana pediu um gole de cerveja a amiga e a outra estranhou. Ela queria tirar aquele adocicado que marcou sua língua, imaginando que assim se desenrolava daquela experiência que

tanto lhe confundia. Sorveu meio copo de cerveja de um gole só, pegou pela mão da amiga e foi pro meio da roda de samba, na Fonte do Ribeirão. No dia seguinte Ana acordou tarde. Ela e Cida dividiam o mesmo quarto na cada dos estudantes na rua do sol. Todo sábado, bem cedo, antes de começarem a estudar, as duas tomavam um banho de mar na praia da Ponta D'areia. Mas já eram duas da tarde. Como dormiu tanto? Ana tomou um gole de café amargo pra despertar, mas o café desceu doce na sua garganta. As amigas puseram o biquini e tomaram a rua em direção à Praça Deodoro, pegaram o ônibus São Francisco e desceram na Ponta D'areia. A praia já estava com muita gente, mas o mar tranquilo era convidativo e lhe trazia uma sensação de calma. Estenderam a canga na areia, sentaram e Ana fixou o olhar no horizonte. Daquela hora não ouviu nem viu nada mais além da voz que emergia das águas remexidas do mar. O sal da água lhe invadia a boca e secava a garganta, em uma aspereza sufocante, Ana achou que morreria afogada, mas entendeu que não deveria resistir, devia se entregar ao mar. Fechou os olhos e mergulhou nas águas profundas. Acordou deitada na areia, com um gosto adocicado na boca, rodeada de gente que tentava reanimá-la, e com Cida aos prantos segurando sua mão com tanta força que parecia que a partiria ao meio. Ana abriu os olhos e disse que estava bem. As pessoas ao redor dispersaram e a amiga sem entender o que aconteceu, a abraçou e pediu que fossem pra casa. Ali Ana entendeu que suas águas lhe chamavam de volta ao quilombo. As coisas na cidade já estavam ficando estranhas, após três meses do início da pandemia de Covid, ninguém tinha mais certeza de como seria o amanhã. Assim, no dia seguinte Ana voltou. Chegou a Mucambo depois de uma longa viagem. Quando despontou no caminho estreito que findava no terreiro em frente à sua casa, sua avó Teresa já lhe esperava

sentada num banquinho de madeira, com seu cachimbo pendurado na boca. Quando Ana chegou bem perto a velha olhou para cima e lhe perguntou se recebeu seu recado. Ana, com um sorriso no canto da boca, responde que sim, mas que tinha demorado a entender o chamado da avó. A velha se levantou com cuidado, segurou pelo braço da neta e lhe segredou ao pé do ouvido que não duraria muito, sua hora estava chegando e precisava terminar os ensinamentos de Ana. A neta, que relutava em seguir o caminho da avó - curar com ervas, benzer, fazer garrafada e trazer criança ao mundo - sentiu um peso em suas costas e em seu coração. Não sabia se aquela tristeza era pela iminente morte da velha que ela tanto amava ou se por saber que todos na comunidade esperavam dela, que assumisse o lugar da avó. Ela queria outra coisa, queria ser médica. Mas como vinha sendo preparada desde pequena, também não sabia como dizer não. Entrou em casa e foi recebida pela mãe e as tias que estavam a sua espera. Nos dias seguintes foi aos poucos sentindo como era reconfortante está de volta. O cheiro da terra, o barulho do vento nas mangueiras frondosas do quintal, o jirau de ervas da avó, tudo lhe trazia uma sensação de acolhimento que não sentia em nenhum outro lugar. Aos poucos Ana se entregou aqueles ensinamentos de Teresa, sem resistência. De tudo que já havia aprendido, por acompanhar a velha pra todo o canto desde a tenra infância, foi acrescido a parte mais importante: segredos que só Ana podia saber. Depois de um mês ela sentia voltar o vínculo que tinha com a avó. Uma semana depois que Ana chegou ao território a faculdade parou por causa da pandemia. Toda semana falava com Cida e ouvia da amiga sobre o isolamento na cidade, o medo de pegar a doença e de perder pessoas queridas, sem poder vê-las. Uma tarde, enquanto conversava com a avó receberam o aviso de que Celestrina

entrara em trabalho de parto e precisava da velha. As duas arrumaram as coisas e partiram pra casa da mulher. Chegando lá Teresa olhou para Ana e lhe disse que esse seria um parto difícil, mas que a neta daria conta. Ana arregalou os olhos, sentiu o coração bater forte e bambear as pernas, mas a velha não lhe deu escolha e quando ela menos esperava já estava trazendo gente ao mundo. Quando entregou a criança nos braços da mãe, sentiu tudo aquilo que sonhara quando pensava em ser médica. A avó olhou pra neta com um ar de contentamento e lhe disse que agora estava pronta pra voltar a cidade, dando-lhe a benção para terminar seus estudos. No dia seguinte a avó de Ana terminou o almoço e pediu que lhe buscassem um bacuri maduro para comer. Mesmo estranhando, atenderam ao pedido da velha. Depois de comer o fruto, roendo os caroços como costumava fazer quando criança, Teresa foi tirar seu cochilo da tarde, do qual nunca mais acordou. Quando Ana foi chamá-la, e percebeu que a velha não estava mais neste mundo, chorou um choro silencioso, mas com o coração leve. Abaixou-se para beijar a testa da avó e sentiu o mesmo cheiro do adocicado que marcara sua boca, naquela noite de samba na Fonte do Ribeirão.

**ROSANGELA
NASCIMENTO**



O baobá encantado

“Em toda parte, irei te amar”. Essas foram as palavras de Nzinga ditas para o seu amado Iwá.

Diante da vida corrida, o medo de deixar para trás todo amor, felicidade e projetos.

A história que irei tecer é baseada em fatos reais, mas com personagens fora de seu tempo histórico.

Iwá é belo moço, inteligente, valente, daquele que só de olhar faz com que saiam borboletas e corações dos olhos. E todo esse encantamento bateu no coração de Nzinga, preta empoderada, e inteligente, que não desistia fácil de seus objetivos.

Nzinga queria ir para Faculdade e Iwá gostava da vida pacata que levava no seu sítio herdado de seus pais, que ficava no interior de Pernambuco. Os dois se conheceram ainda no colegial, e a cada dia o amor ia crescendo, até que um dia em diálogo planejaram o futuro.

Os dois não se encontravam em seus sonhos, discutiam e ia cada um para seu lado.

Uma enorme árvore no centro do Recife, precisamente na Faculdade de Direito, eles quando saíam da escola ficavam

embaixo da sombra da árvore centenária, Iwá grafou o nome dos dois como forma de eternizar o amor. Brigavam e sempre que faziam as pazes iam para o mesmo local. Iwá, descobriu uma passagem secreta na imensa e frondosa árvore, e passou a escrever cartas de amor para Nzinga quando não a encontrava. Os pais de Nzinga decidiram mudar para outro estado não deixando tempo para ela explicar, ou se entender com seu amado. Com lágrimas nos olhos, desanimada e inconformada seguia.

Iwá quando soube ficou muito triste e deixou de fazer as coisas que mais gostava, pois, estes momentos eram ao lado de sua amada.

Certo dia ele foi para o ponto de encontro, chorou bastante, abraçou a árvore e pediu, traga-me meu amor de volta espero o tempo que for necessário. Iwá ligava para o celular de Nzinga e não conseguia falar com ela devido à área não ter sinal, contatos telefônicos ou outros meios de comunicações foram rompidos.

Passando algum tempo, Nzinga vai ao Recife visitar sua avó que estava muito doente e precisava de companhia. Então, depois que se acomodou na casa da avó, foi visitar o ponto de encontro, se deparou com seu nome e do seu amado grafado na copa do baobá, a mesma encontrou cartas de amor, anel de pedido de noivado. Chorou muito de tanta emoção por saber que não foi esquecida.

Nzinga já tinha terminado o seu curso de Pedagogia, e fazia pós-graduação na Universidade Católica de PE, onde de repente deu de cara com Iwá, ele estava acompanhado de

uma, moça, o que bloqueou Nzinga de correr e abraçá-lo, os dois olham fixamente um para o outro. E Iwá perguntou:

- Ela maneou a cabeça confirmando que sim, completou

- Estou cuidando da minha avó ela está muito doente.

Pegou um pedaço de papel e colocou seu telefone e entregou ao rapaz, que logo disse:

- Na verdade, ambos não conseguiram amar ou namorar ninguém, seus corações estavam ligados, ao amor jurado na sombra do baobá.

Iwá liga para Nzinga, com o coração aos pulos, marcaram para conversar no local de sempre ao final da tarde. A árvore estava com belas flores que não tinham cheiro agradável. Mas neste dia a árvore era a mais linda. Os dois se abraçaram assim que se viram, beijaram-se apaixonadamente, Nzinga leu as cartas escritas por seu amor, respondeu a todas e colocou no mesmo local. Quando Iwá disse ter algo para lhe mostrar e as cartas eram outras e estavam com seu nome, ele não conteve as lágrimas e sorrisos juntos abraçaram o Baobá, agradecendo por guardar as memórias de amor e presenciar toda tragédia, Oyá, ao longe, mandou um vento forte que balançou o Baobá como se estivesse agradecida pelo bem que realizou.

ROZANA NASCIMENTO

Cheiros e cores de res(ex)istência



As colinas cobertas de verde de várias tonalidades que sob a luz do sol depois da chuva ficava ainda mais encantador. Jamila caminhava sobre aquele pedaço de chão que há anos não via. Um antigo povoado quilombola onde viveram muitos dos seus ancestrais e que resistia em meio à selva de pedra que crescia ao redor.

Parou diante de um baobá e, como se voltasse ao passado, se viu menina no terreiro de D. Biu, embalada por uma antiga toada que ouvia em dias de sessão espírita:

Entrei nas matas da jurema
Toquei na pedra de Xangô
Eu vou saudar meus companheiros
Oxóssi é rei do caçador.

Ofegante, Jamila viu se aproximando muitos dos seus que já fizeram o caminho de volta ao Orun¹³: Vô Pedro, Vó Carminha, Tia Biu, Tio Zeca, Tio Pedro, Tia Marina Preta, seu pai Maurício (alguns o chamavam de Moura).

¹³ Orun: mundo espiritual no dialeto iorubá, falado em alguns países da África.

Vô Pedro, descendente de escravizados, religioso, iluminado, partiu com quase 90 anos; Vovó Carminha, mulher taciturna e enérgica, grande matriarca, partiu um pouco antes; Tia Biu, batalhadora, alegre e desbocada, era dona do melhor Centro Espírita do lugar; Tio Zeca tinha um dente de ouro, puro charme; Tio Pedro era galanteador e dono de um sorriso sem igual; Tia Marina Preta, mulher arretada que adorava carnaval e maracatu; Seu Maurício, alegre e espirituoso, foi o melhor pai que soube ser.

Estes cinco últimos formavam um quinteto que, quando se juntava para tomar umas biritas com piaba assada e caranguejo, ninguém segurava. Começavam pela manhã e só paravam quando o sol se punha. Era só alegria! A cachaça rolava sempre acompanhada de muitas risadas. Mas, cada um tem seu tempo e, no tempo de cada um, foram se transformando em saudade...

Muitas histórias se passaram no entorno do Centro de Tia Biu. Jamila rememorava as importantes vivências daquele local: as reuniões de “mesa branca”; as giras de caboclos; os mestres e mestras; os rituais; os defumadores; os banhos de limpeza... Chegou a sentir o cheiro e a vibração de quando a panela com brasas era colocada no meio do salão com diversas ervas e todos cantavam:

Defuma com as ervas da jurema
Defuma com arruda e guiné
Benjoim, alecrim e alfazema
Vamos defumar filhos de fé.

“Filhos de fé”. Era a fé que unia aquela gente de histórias forjadas nos porões da resistência. Povo de luta, de espiritualidade elevada, conscientes de que entre o Céu e a Terra, entre o visível e o invisível, há muitos mistérios.

Dos festejos no centro de Tia Biu, Jamila tinha um carinho especial pelas festas de Cosme e Damião. Era uma alegria ímpar preparar o quebra-panelas, os saquinhos de doces, o bolo, os beijinhos embrulhados em papel crepom e o salão forrado de folhas de canela e manjericão. Uma sensação maravilhosa que se completava com a alegria da criançada dançando e cantando:

Cosme e Damião
A sua casa cheia
Cheira a cravo
Cheira à rosa
Cheira à flor de laranjeira.

O terreiro de Tia Biu já não existe, mas foi a partir dele que muitos outros surgiram e resistem. Resistem quebrando preconceitos e fortalecendo vínculos afetivos e religiosos. Resistem como a festa de Cosme e Damião e tantas outras tradições. Como as histórias e os valores daquele povo; como o velho Baobá na entrada da vila; como as músicas que mais forte reverberavam na cabeça de Jamila à medida que se aproximava do seu destino: uma casinha branca como as flores do baobá.

Jamila cruzou o portão e logo avistou sua mãe no terraço, fazendo crochê. Ela era a maior responsável por todas as suas

conquistas. Jamila seguiu observando as plantas no quintal: comigo-ninguém-pode, alfazema, espada de São Jorge, manjeriço, pinhão-roxo... O cheiro das plantas se misturava ao cheiro do feijão com charque cozinhando no fogão à lenha. “Tudo naquele lugar tinha um cheiro; tudo ali exalava resistência” como Jamila descreveu na tese do doutorado que acabara de concluir. Com os olhos marejado, ela seguia embalada pela canção de Leci¹⁴:

A mãe da gente é um caso diferente
Muito mais que comovente
Que não dá pra comparar

O que eu sei
É que tudo que eu sou
Simplesmente é o resultado das coisas
Que mamãe me ensinou
Das coisas que mamãe me ensinou
Das coisas que mamãe me ensinou...

¹⁴ As coisas que mamãe me ensinou, composição de Leci Brandão, Zé Maurício e outros.

SOLANGE SANTANA



Antes do sol

Quatro da manhã. Na rua escura, encostada no poste, sozinha, Maria do Socorro espera pelo primeiro ônibus do dia. O silêncio toma conta da rua e da mente de Maria.

De repente, Maria se lembra de ligar para filha e dizer para ela não se esquecer de estender a roupa antes de ir para a escola. Mas desiste. Tem medo de ser assaltada e de levarem o celular que ainda não terminou de pagar.

Outras pessoas, aos poucos, vão chegando e formando fila atrás de Maria. A fila cresce e o silêncio de outrora dá lugar às conversas sobre as agruras da vida. Maria olha preocupada para o relógio. O ônibus está de novo atrasado e com certeza vai vir lotado. A fila vai crescendo.

Eis que o ônibus finalmente surge no horizonte escuro. As esperanças se renovam. O ônibus para e, no empurra-empurra diário, todos conseguem embarcar rumo aos seus destinos.

O ônibus passa pelas ruas do bairro, dando voltas e mais voltas. É dali que Maria vai assistindo a vida amanhecer, dando voltas pelo bairro como se desse voltas e mais voltas ao redor dos baobás.

Para Maria, é assim que a vida começa na periferia, todos os dias, antes do sol.

Em busca do sol

Todos os dias
eu me levanto
e vou em busca do sol.

Mal durmo.
As preocupações do dia a dia
não deixam a mente tranquila
mas ainda assim
eu teimo
e vou em busca do sol.

Ainda que as nuvens cinzas
o ônibus lotado
a bala perdida
o pão escasso
o café amargo
me neguem o direito
eu resisto
e vou em busca do sol.

Ainda que a conta atrasada
o botijão vazio
o beco escuro
a encosta arrasada
a cova rasa
arranquem o sorriso
eu persisto

e vou em busca do sol.

Ainda que o córrego sujo
a fila no hospital
a panela vazia
o sapato furado
a criança na calçada
rasguem os caminhos
eu vivo
e vou em busca do sol.

Mas pergunto
- Que sol eu busco?

Busco o sol
que mostre
que não é o fim do caminho
- ainda que a vida
forçadamente
tente
me despir
a cada instante
da poesia
das lutas
e das esperanças.
Por isso, me agarro
às forças que ainda restam
e sigo.
Vou em busca do sol.

VIVIANE PENHA



O que cabe num abraço?

No meu cabe a saudade dos braços que não se cruzaram, dos corações que não se ouviram e dos olhares que não se aproximaram. Era uma tarde, um final de tarde vitorioso onde avançamos de esperneios e passos tristes para quase pulos de alegria e correria. Nossa caminhada seguia, e depois de duas semanas de choro, lágrimas, pedidos insistentes pela mãe e recusa ao se alimentar, João, finalmente, secou seus olhos e prometeu que no final do outro dia eu ganharia o tão sonhado abraço. O contato físico ainda não era possível com este ser tão pequeno que não entendia o porquê ele deveria ficar separado da sua mãe tão amorosa. Eu, por mais que fizesse, por mais carinho que proporcionasse, por mais brincadeiras que eu inventasse, não conseguia alcançar a segurança e o aconchego que a mãe oferecia. Mas, aos poucos compreendendo aquele choro, aquele medo, aquela insegurança em estar longe dos seus, consegui conquistar a confiança daquele menino de olhar marcante e ansiei pelo novo dia em que finalmente teria nos meus braços o meu João Carlos sem imaginar que o “até amanhã” daquela tarde faria morada nos meus pensamentos até hoje.

No meio do caminho, ao voltar para casa aquela criança se deparou com um sinal vermelho. Um sinal vermelho que paralisaria a nossa história para sempre, que não viria seguido do verde, que não estava suspenso, mas que corria fluidamente pelo chão e chamou a atenção do meu pequeno João. Para muitos apenas uma cena do cotidiano pobre e desamparado das comunidades cariocas, para o meu pequeno um rosto conhecido, um coração muito próximo que sangrava, lutava e perdia a batalha de uma guerra que não cessa a luz do sinal verde da esperança. Ali estendido no chão estava o irmão do João. O irmão amado, idolatrado, o mais velho que na falta do pai vira o herói, o exemplo, o que direciona os passos e que cria até o “virar sujeito homem” acontecer. E para o João Carlos isto aconteceu naquele instante em que sua infância foi assassinada junto com o seu irmão. Virou o homem da casa após segundos de dor e desespero que o tomaram de tal forma e o fizeram esquecer os medos infantis e as promessas também. Sua mão tentou protegê-lo, mas o menino já não estava mais lá. O meu abraço também não.

João nunca mais voltou. No dia seguinte ao saber da história eu chorei, chorei por não estar lá, por não ter antecipado aquele abraço, por não ter oferecido meus braços, por não ter tido a oportunidade de dar colo, carinho e aconchego. Choro até hoje com o abraço que quase ganhei e com a dor que não pude evitar.

YARA SEREYA

Pega visão



Dizem que sou rainha.
Que sou deusa
Dizem que sou maravilhosa
Mas onde o respeito mora nessa joça?
Sou filha de Yansã
Raspada e catulada
Já passei dos 7
22 anos como artista
Maconheira, bruxa
Mulherista candace,
Pan africanista
Essa alma que me veste
Onde foi parar o respeito às mais velhas?
Já fui presa. Já fui glamour, parei na Globo.
Não é mérito, apenas minha história.
Caminhei pela América Latina
Mais sororidade feminina
Não sou Maria, nem tão pouco Amélia.
Sou Nunyara Teles, 31 anos.
Nasci no ano da constituição.
Menina prodígio, periférica não tem vez não.
Respeito é para quem tem
Mesmo sem valorização.

Cabeça raspada por racismo, aos 18
Já fui estuprada, abusada, assediada, violentada.
Não desisti da minha caminhada, da minha vida tão pouco.
Nasci mulher, galguei por outro espaço
Me reconheci, me repositionei.
Espaço meu por direito.
Não peço esmola de afeto, nem tão pouco de respeito.
Minha história é trajetória para poucas.
Não desejo as violências que passei nessa vida para as jovens
moças.
Transgeneridade é sinônimo de transformação.
De cabeça erguida, mesmo passando por humilhação.
Sou justa, filha do vento e da verdade.
Não desprezo ninguém
Não idolatro vaidade
Não sou inimiga sou fortalecimento.
Não quero briga, nem insulto
Dar dicas não ofende, não precisa de tumulto.
Aceita minha ajuda, tenho muito para trocar.
Humildade fica muda
Quando o orgulho ou arrogância à sua frente passar
Representatividade é também se importar
Com as vidas das outras
Mais marginalizadas.
Aí sim estaremos justas na caminhada.
Vencendo qualquer preconceito, opressão ou violência
Meu pensamento é poesia, da licença.
Para desaforo, desrespeito respondo com arte
Minha Yansã pega fogo

Mas meu vento é leve
Não perco minha cabeça com barata ofensa.
Para cura saúdo Nanã
Vim da lama
Cola junto, seja irmã.
Transformarmos um amanhã
Com mais justiça ancestral
E menos opinião social
Que segrega, se sente
Maltrata, interfere
Sociedade passa mal
Somos luzes, somos terra
Nossa África aqui impera
Celebra o nosso coração
Chega de violência, diga não.
Fica a dica da tia Yara :
Mais respeito, pega visão!

Cidade das mulheres

Somos uma unidade de emoções
Cidade das Mulheres
Mulheres cis, Mulheres trans. Travestis
Mulheres.

Somos Dandara's,
Chimamanda's, Carolina's
Com sororidade,
Irmandade feminina

Somos guerreiras,
Mulheristas Candace,
Pela árvore da vida Mulher

Bela, Rainha, Princesa
Mãe, Filha,
Delicada fortaleza
Que com nossas chamas acesas
Temos nossas faces pintadas de Revolução
Mostramos que ser mulher
É muito mais que obrigação

Levantamos nossa cabeça
NÃO PERMITIMOS RACISMO EM NOSSO LAR
Lar de Brasil, de país FEMINICÍDA
Sua morte de mortes NEGRAS não passará

Conclamamos nossos orixás
A cidade das Mulheres
Compactua a revolução Mulherista
Posteriormente Feminista
Igualdade entre os gêneros
Se bambeia, somos equilibristas

Esquivamos de violência,
Driblamos a morte
Golpeamos pela verdade

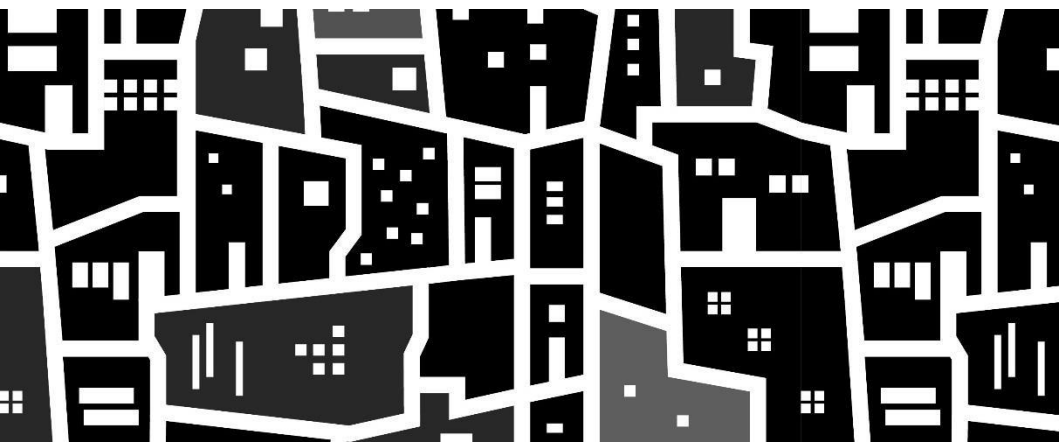
FOGO NOS RACISTAS,
MACHISTAS,
TRANSFÓBICOS,
LGBTQIFÓBICOS!!!

Ah! E eles dão sorte.

Filosofia Ubuntu
Emanamos nossas Yabás
Nosso fogo é de justiça
Nosso dia é com amor
Somos a Evolução
Axé, Aweto, Saravá!



**SOBRE AS AUTORAS E OS
AUTORES**



ALEX PEREIRA DE ARAÚJO: Doutor em Memória Linguagem e Sociedade. Mestre em Letras: Linguagens e Representações. Educador, ensaísta, poeta marginal e escritor negro.

ALINE BOTELHO: Mestre em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (UFRRJ), especialista em Alfabetização e Letramento (Instituto Signorelli) e Graduada em Pedagogia (UFRRJ).

ALINE DA SILVA CAMPOS: Me chamo Aline Campos, tenho 25 anos de "planos, sonhos e América do Sul" parafraseando Belchior. Nasci em São Luís-MA e morei lá até os 14 anos, quando migrei para o Piauí. Formada em História pela UFPI, a 3 da minha família a formar numa universidade pública. A escrita veio para mim, desde muito cedo. Colecionava diários. Depois de um tempo me arrisquei em escrever crônicas e poemas. É meu refúgio!

ANDRÉA OLIVEIRA DA SILVA COSTA: Assistente Social, pós-graduada nas seguintes áreas: Dependência Química; História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira e Antropologia Brasileira. Natural do Rio de Janeiro, nascida em 1971, casada, mãe atípica a 15 anos, fixou residência no Município de Quissamã/RJ, "terra boa e amiga...". Servidora pública como Agente Comunitária de Saúde. Atualmente gerencia o Programa de Pacientes com Doenças Crônicas Não Transmissíveis-DCNT e Doenças Raras no município.

ANDREIA VIANA DA SILVA DINIZ: Andreia Diniz é mãe, antifascista, poeta integrante do Coletivo de Mulheres Poetas de Niterói, ama dançar e fazer artesanatos, participa do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Processos de Formação Institucional/UFF (GEPROFI), doutoranda em educação pela UFF, Pedagoga e professora da rede pública de ensino. Atua no Portal da Consciência buscando mobilizar docentes e discente na luta contra o racismo e toda forma de discriminação e preconceito sofridos pela população negra e demais minorias historicamente subalternizadas, no Instituto de Educação Clélia Nanci em São Gonçalo.

AUGUSTA SANTO: Mulher preta do sertão, mãe de Iano Cuma. Filha amada de Manoel e Bernadete. Mora em São Paulo é assistente social e servidora pública. Membro fundadora do GERESS – Grupo de Estudo das Relações Étnicorracial no Serviço Social e Participante do Comitê de Combate ao racismo do CRESS – Conselho Regional de Serviço Social. Tem o Movimento Negro como referência e faz dessa bandeira sua luta. Contista e poetisa com produção nos “Cadernos Negros”, “Corações Inquietos”, “Vozes das Margens” - Editora Alpheratz

BENEDITA LOPES: Andreense Filha de Belchior dos Reis Lopes e Josefina Maria de Jesus Lopes. Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Fundação Santo André e se especializou em Língua Portuguesa pelo COGEAE/PUC/SP. Habita diversos quilombos literários. É autora do livro “Porções para se acordar presente”, e cofundadora do Coletivo Literário Flores de Baobá.

CASSANDRA MOIRA COSTA MOURA: Tem 28 anos, nascida em São Paulo, SP - Brasil. Bacharel em Ciências Sociais e mestranda em Ciências Sociais pela UNIFESP. É antropóloga, escritora e educadora e desde 2016 tem se dedicado a esquadrihar as possibilidades outras de mundos, procurando, através da mediação de outras onto-epistemologias, pensar as dinâmicas ocidentais/coloniais da "vida após a escravidão" e da "vida após o colonialismo". Literariamente escreve recados de malmequeres e bemequeres, lembretes de que ainda continuamos por aqui, “ainda felizes, ainda desobedientes, em casa”, faz da escrita uma forma de afetar, geolocalizar e fabular possibilidades e impossibilidades de ser e estar no mundo.

CECÍLIA PEIXOTO: Natural de Salvador/BA. Mulher negra, mãe, Educadora da Rede Pública do Estado da Bahia e aposentada da rede privada, licenciada em Pedagogia, Bacharel em Direito e Ciências Contábeis. Pós-Graduação em Educação Matemática e Educação de Jovens e Adultos (EJA), Curso de Extensão em Formação

para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (UFBA). Textos publicados no Blog do Correio Nagô, Jornal Ébano e nas Redes Sociais do Instituto Hori. Integra o Coletivo Angela Davis (FACED/UFBA), Movimento das Sete Mulheres Salvador (No Núcleo Poesia, Cultura e Arte). Grupo de Poesia MEL (Mulheres Entre as Linhas). Conselheira do Instituto Hori – Educação e Cultura. Acadêmica Fundadora da Academia Internacional Mulheres das Letras. Publicações: “Mulher Poesia: antologia Poética” volumes de 1 ao 6, “Antologia Poética Internacional”, volumes: II, III, IV, “Artisti e Poeti” (Brasil/Itália), coletânea “Escrituras Negras I: a mulher que reluz em mim”, “O livro das Marias II”, “Escrituras Negras II: As Marcas”, coletânea “Ecos do Nordeste”, coletânea “Reverdecer”, “Cadernos Negros 43”, antologia “Poética Poiesis – Volume 3”, “Mulheres das Águas I: contos, crônicas e poemas” e “Mulherio das Letras Portugal” – 2022.

DONETA FRANCISCO ANTÓNIO: Doneta Francisco António é angolana, graduada em Administração Pública pela UNILAB, e pós-graduanda em Administração Financeira pela FACUMINAS. Foi Bolsista Voluntária do Projeto de Iniciação Científica Pibic/CNPq e Pesquisadora de Arte Urbana em Fortaleza/Ceará integrando o projeto intitulado Mulheres e intervenções artísticas urbanas em Fortaleza e foi membro do projeto de extensão TEIA/Unilab. Atualmente é mestranda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora.

ELISABETE NASCIMENTO: Doutora em Ciência da Literatura (UERJ), professora, compositora e autora de 12 livros, dos quais 5 são voltados à Infância.

ELISA MATTOS; Jornalista, com pós-graduação em Jornalismo Político, nasceu no Rio de Janeiro em 1958, reside em Brasília desde a infância. Trabalhou em diversos veículos de comunicação. Durante 22 anos foi editora de texto da TV Globo Brasília, até se aposentar, em 2019. Como escritora, tem como foco a poesia, contos e

crônicas. É autora do livro de poemas “Meu reverso”, finalista do “I Prêmio Literário Maria Firmina dos Reis”. Tem ainda coautoria em diversas coletâneas nacionais e internacionais. Entre elas, “Escrituras Negras: a mulher que reluz em mim” e “Escrituras Negras: as pretas também amam”; “Prêmio OFF Flip 2021\Contos”; “Prêmio OFF Flip 2022\Poesia” e “Cartas para o Futuro - OFF Flip 2022”.

ESMERALDA RIBEIRO: Mulher negra, paulista, jornalista, escritora e pesquisadora de literatura negra. Faz parte dos coletivos: “Quilombhoje Literatura”, “Flores de Baobá”. Edita e escreve nos “Cadernos Negros”. Incentiva a escrita feminina na literatura. Além de “Cadernos Negros”, tem publicado em antologias diversas no exterior e no Brasil. Livros individuais “Malungos e milongas (conto) e “Orukomi – meu nome” (infantojuvenil) pelo Quilombhoje.

FABIANA FERNANDES DE CAMPOS: Eu sou, Fabiana Fernandes de Campos, nascida e criada em Realengo no RJ, zona oeste, subúrbio carioca. Costumo dizer que gosto de brincar com as palavras, sou administradora por formação, poetisa de coração e artesã por vocação.

FERNANDA LUIZA: Fernanda Luiza de Souza Farias, mestranda em Física pelo Instituto Federal, graduada em física e pedagoga. Reconhece que a escrita é alento e uma expressão de sentimentos para ser compartilhados. Mulher preta inspirada pelas filhas faz do papel um campo de amor, reflexões e afetos. É autora dos livros “África, o seu povo é o maior legado”, pela editora Triluna, “Amor, Consciência e Reparação” pela editora Arte Impressa e de textos que podem ser encontrados nas antologias, “Cadernos Negros 43-Poemas”, “Todas as Marias II e III”, “Mulheres das letras”, 2020 e 2021, antologia bilingue “Raízes”, “Sinergia”, “Brasileiríssimo”, “Escrituras Negras II e III” e “Mulheres das Ervas I: coletânea de contos, crônicas e poemas”.

GILDA PORTELLA: Sacerdotisa da Umbanda, multiartista, pós-graduada em História pela UFMT. Nascida em 1969 Barra do Garças-

MT, há trinta e cinco anos vive em Cuiabá-MT. Em 2022 recebeu menção honrosa na categoria novos autores do “Prêmio Maria Firmina de Literatura”; foi selecionada pelo Flup/RJ com ‘Cartas para Esperança’. Em 2021 foi selecionada no “I Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura”. Participa das antologias: “Mulheres das Ervas I: coletânea de contos, crônicas e poemas”, “Lendas Africanas”, “Coletânea Parto Normal”, “Excelsa Expressão – Antologia de Tautogramas”, “Mulherismo das Letras na Lua”, “Devires Poéticos” e “Do que ainda nos sobra da guerra”.

GIOVANNA FERNANDES: Graduada em Letras Português-Espanhol (UERJ). Pós-graduada em Espanhol Instrumental para a Leitura (UERJ) e Literaturas Portuguesa e Africanas (UFRJ). Professora de Espanhol (SEEDUC) e regente de Sala de Leitura (SMERJ). Participa do Coletivo Mulheres do Ler. Mãe da Maria Antonia e filha da dona Josélia meus risos poéticos!

GLÁUCIA BISPO: É uma mulher apaixonada pelas potências inventivas da/na Educação (UFF, 2012) e da Filosofia (UERJ, 2021). Além disso, é professora alfabetizadora da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro e, atualmente, tem se aventurado pelo mundo da Psicomotricidade, campo onde tem sido possível viver e pensar corpos e corporeidades de modo autêntico na sala de aula e fora dela.

HELENA MONTEIRO: Mulher-negra, periférica, feminista, escritora, poetisa, contista, pesquisadora da cultura popular, Psicóloga, Graduada em Letras, natural de Santo Antônio/RN, Sócia-Fundadora da Academia de Letras e Artes do Agreste Potiguar, Sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do RN, fundadora do Coletivo Mulheres Tecendo Artes - Escritoras Santo-Antonienses. Participação em 16 coletâneas, 8 Livros autorais: “As tiradeiras de benditos”; “Fecundação”, 1997, “Borboleta na chuva”, 1998, “As noites e a ventania”, 2003, “Os sons da maré”, 2019, “O canto dos

bem-te-vis, 2021, “O que não cala em mim”, 2004 e “Mulheres que amam”, 2007.

HONÓRIO LIMA NANQUE: Nasceu em 1995, em Guiné-Bissau, seção de Bijimita e região de Biombo. Começou o seu estudo em 2004, e concluiu o ensino médio no ano de 2015. No mesmo ano, passou no processo seletivo do SENAI Guiné-Bissau/Brasil, no qual fez curso técnico de construção civil (pedreiro). Em 2016, cursou o curso de Ciência da Educação até o 3º ano no Instituto Superior Politécnico São Francisco de Assis (ISPSAA). É estudante de Letras na Universidade da Integração Internacional afro-Brasileiro (UNILAB), professor bolsista de Núcleo de Línguas em 2022 da UNILAB. Bolsista de projeto de elaboração de livro e material didático em Língua Portuguesa da mesma instituição.

ISABETE FAGUNDES ALMEIDA: Nascida em Porto Alegre/ RS. Pedagoga (PUCRS) e pós-graduada em Neuropsicologia. Artesã, poetisa, escritora e coordenadora do grupo Haja Luz – Acervo Cultural Afrodscendente. Autora do livro “Passeio Poético” (2020) e “Abrindo o baú” (2021).

JANAÍNA DE AZEVEDO CORENZA: Pedagoga e Doutora em Educação. Atualmente é professora do IFRJ nos cursos de Graduação e de Pós-graduação. Pesquisadora sobre relações étnico-raciais e educação e coordenadora do Projeto de Extensão “Cientistas negras brasileiras”.

JANAÍNA NERY VIANA: Natural do RJ/ RJ, mulher preta, poeta, escritora, professora da Educação Básica na rede pública de ensino e defensora de uma educação antirracista. Militante no Movimento Negro e Movimento de Mulheres Negras no Estado RJ. Graduada em Letras (UFF), especialista em Língua Portuguesa e em Educação e Relações Raciais (UFF) Mestre em Educação (UERJ) e Doutoranda em Literatura Comparada (UFF). Participa, desde 2020 de coletâneas de literatura feminina, literatura feminina negra e outros projetos literários.

LEIZE MACIEL: Leíze de Azevedo Maciel nasceu em Quissamã, no dia 15 de outubro de 1975. Filha do pedreiro Luiz Pinheiro Maciel e da dona de casa Maria Izabel de Azevedo Maciel. Descobriu seu gosto pela escrita e pelo teatro no ensino médio, através da professora Helena Maria, em seus projetos de sessão literária. Já ganhou prêmios em festivais de poesia do Colégio Cenecista Nossa Senhora do Desterro e da Petrobrás. Estudou Letras, depois fez pós-graduação em Língua Portuguesa, Tecnologias da Educação e Metodologia do Ensino de Artes. Trabalha com teatro, língua portuguesa e cursos preparatórios para concursos. Ama a arte e acredita que ela impulsiona mudanças profundas.

LETÍCIA MACEDO FIGUEIREDO: Nascida e criada no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. 23 anos. Graduada em Letras - Português/Espanhol pela (UFRJ), professora e escritora. Atualmente, atua como monitora do curso de Redação no Projeto CLAC (Cursos de Línguas Abertas à Comunidade - UFRJ). Escreve desde a infância e tem uma grande paixão pela escrita.

LUCIENE AMOR ESPIN DE JESUS: 38 anos, mãe, professora de Educação Infantil da rede pública Municipal de SP, amante da capoeira, da poesia, do rap nacional, poeta do Coletivo Literário Sarau Elo da Corrente, participa de formações, contação de histórias e oficinas voltadas à educação antirracista nas unidades escolares. Autora da história Infantil “Um tal de Besouro Mangangá”, lançado pela Coleção Literária Besouro. Participa das coletâneas: “Favelas e Aldeias”, 2021 do Coletivo Salve Kebrada, antologia “A cura em Versos”, 2021, Ed. EHS Edições, coletânea “Parto Normal”, 2021, Ed. Feminas, “Sarau Elo da Corrente 13 anos- Tambor” e “Território e Oralidades”, 2021.

MARCELA VASQUES: Nasci pedra. A luta diária provou ser possível burlar o destino. Aprendi a contar a minha própria história, das minhas irmãs e irmãos. Da minha existência fecundei me tornar mulher. Da vida, ser negra e periférica. Historiadora por profissão,

especialista em História do Brasil e História da África, feminista negra. Com a vida, aprendi a pôr em palavras os sentimentos, dores, alegrias e vivências. Nasce assim, uma poeta. Marcela Vasques. Me defino sempre assim: UBUNTU! “Eu sou, por que nós somos!”

MARIA APARECIDA LISBOA: Possui bacharelado e licenciatura em Geografia (UFF). Contadora, especialista em Educação Infantil e escritora. Participa da UNEGRO Quissamã, funcionária da prefeitura de Quissamã. Possui livros autorais: “Uma escola marginal”, “Mulheres negras a frente do seu tempo”, “Quem é o dono da verdade?: pensamentos, poesias e reflexões”, “Carências: poesias, desabafos, desafios e cartas” e mais duas coletâneas com poesias premiadas. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro e reside atualmente em Quissamã, participando ativamente dos movimentos culturais do município.

MARIANA FERNANDES DOS SANTOS: Egressa de escola pública, filha de dona Naiva, mãe de Ana Flor, mulher do Axé. É professora, escritora, pesquisadora e extensionista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- IFBA. Licenciada em Letras e em Pedagogia, entre as especializações que cursou, se especializou em Literatura Africana, Indígena e Latina. Possui mestrado em Estudos de Linguagens e Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Atua como colunista da Revista África e Africanidades. É autora de obras acadêmicas e ficcionais.

MICHELLE VILLAÇA LINO: Psicóloga pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Escritora. Doutora e Mestra em Políticas Públicas e Formação Humana pela UERJ. Especialista em Terapia Familiar Sistêmica pela Universidade Cândido Mendes. Psicóloga no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente cursa o Pós doutoramento pelo PPFH/UERJ onde pesquisa sobre criação e educação antirracista nas adoções inter-raciais. Autora dos livros "Crias de um (não) lugar: histórias de crianças e adolescentes devolvidos por famílias substitutas", "Crônica de mulheres negras" e

"Entre fissuras e tecituras: histórias (com)partilhadas por mulheres negras".

NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS: Cientista Social (UFF), Psicanalista Clínica (ESFLUP), Mestre em Educação com ênfase em Educação para as Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras (UCB). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades (periódico online e editora). Pesquisadora das temáticas africanas, afro-brasileiras e afro-diaspóricas com publicações em livros e revistas acadêmicas. Na área de literatura organizou os seguintes livros com a participação de escritores do Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique e Guiné-Bissau: “Cadernos África e Africanidades: literaturas africanas e afro-brasileiras”, “Okumana: vozes e olhares sobre a literatura moçambicana”, “Ngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana”, “Mulheres das Águas I: coletâneas de contos, crônicas e poemas”, “Mulheres das Ervas I: coletâneas de contos, crônicas e poemas”, “Mulheres das Águas II: coletâneas de contos, crônicas e poemas”. Participou de diversas coletâneas literárias.

NEGRA ÁUREA: Maria Aurea dos Santos do Espírito Santo, nome artístico Negra Aurea, nascida em 23/09/1971 em Igarape-Miri no Pará. Possui Magistério, é pedagoga, especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico e Educação de Jovens e Adultos e é Mestre pela Universidade Internacional Três Fronteiras. Mora em Macapá desde 1996 e trabalha como professora na modalidade Ensino Fundamental I. Desde quando chegou no Amapá, verificou o legado cultural que o Estado tem e encontrou inspiração para desenvolver suas produções poéticas. Hoje, possui participação em várias antologias e primeiro livro solo é o “Deca Moleca e as lendas Tucuju.

NEGRA LUZ: Cláudia Almeida é a poeta Negra Luz. Baiana, mulher negra, contadora, Mestre em Direito, Governança e Políticas Públicas e bacharelada em Psicologia. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira, da ACLAPTCTC, da Academia Internacional

Mulheres das Letras, da CAPPАЗ, do Movimento Exploesia, do Clube dos Poetas - BA, do Clube de Leitura Kasa de Alice e do Clube Amantes da Poesia, do Coletivo Mulheres Maravilhosas. Escritora dos livros: “O Voo”, “Dez contos do meu confinamento” e do recém-publicado “Peu, um menino de santo”. É uma das organizadoras da coletânea “Visões de mulher”. Possui publicações na “Revista Artpoesia” e em diversas coletâneas. Temas presentes em sua obra: mulher, notadamente a mulher preta. Atua ainda no campo das pessoas com deficiência e do envelhecimento. Uma de suas frases: “O que me faz sentir, faz poesia.”

PLÍNIO CAMILLO: Negro de mãe e preto de pai. Escrevinhador, palestrante, oficinheiro e educador social. Apresentador do programa do YouTube: Notas de Escurecimento - <https://www.youtube.com/pliniocamillo>. Autor do “O namorado do papai ronca”, - romance infanto juvenil – ProAC 2012; “Outras vozes” – coletânea de contos sobre o negro escravizado no Brasil; “Luiza”, - romance infanto-juvenil sobre uma negra escravizada e finalista do Prêmio JabUTI/2022 com “Pretos em contos volume 2 – coletânea de contos” (organização e participação) – Editora Aldeia de Palavras

RAI SOARES: Maranhense, mãe de Pedro e Akil e escritora. É professora associada da UFF, *campus* de Rio das Ostras, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa Afro-brasileiro/NEAB da UFF, integrante do Grupo de Estudos Pensamento Decolonial e Crítica ao Eurocentrismo. Desenvolve pesquisa e extensão junto a Comunidades Quilombolas do Rio de Janeiro e tem se dedicado ao estudo das relações étnico-raciais no Brasil. Escreve contos, poesias, se aventura pelo desenho e pintura e é autora do livro “A mulher que pariu um peixe” (2021, Ed. Jandaíra).

ROBERTA ELIANE SANTOS FROES: Graduação em Química, mestrado e doutorado em Ciências com ênfase em Química pela Universidade Federal de Minas Gerais, Pós-doutorado em

Engenharia Metalúrgica e de materiais também pela UFMG, professora associada e pesquisadora da Universidade Federal de Ouro Preto. Atual diretora do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas da UFOP (Gestão 2021-2025). Mãe solo de dois meninos pretos.

ROBERTA RENOIR: Mestre em Educação pela Universidade de Granada (Espanha). Pesquisadora e escritora.

ROSANGELA NASCIMENTO: Pernambucana, residente no Rio Grande do Norte onde criou a Biblioteca Comunitária Auta de Souza. Graduada em Letras e Comunicação Popular. Extensionista em Literatura Afro-atino-Americana – UFRGS. A convite do Grupo Quilomboje estreou na literatura na série “Cadernos Negros” volume 38 e 39. Participação nas coletâneas “O livro das Marias III” e “Escrituras negras III: As pretas também amam” organizadas por Jeovânia P. “Mariposa Negra” sua primeira obra de poesia publicada, pela Editora Triluna, abordando temas como, discriminação racial, gênero e classe.

ROZANA NASCIMENTO: Pernambucana, nascida em Camaragibe e residente em Recife. Mestranda em Políticas Públicas, é professora da Educação Básica, graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia e Educação e Direitos Humanos. Acredita na educação como principal mecanismo de transformação social, e nas diferentes manifestações artísticas como instrumento essencial para impulsionar esse movimento, especialmente, a literatura e a música. A paixão pela escrita literária tem lhe permitido, neste momento, aventurar-se nesse universo. Desde 2020 tem participado de diversas antologias e outros projetos literários, escrevendo poesias, contos e histórias infantis.

SANDRA REMÍGIO: Trabalhei como doméstica, babá, diarista. Retomei meus estudos aos 29 anos e desde do ano de 2008 sou professora. Atuei por 13 anos nas séries iniciais e atualmente sou Coordenadora de Relações Étnico-Raciais e Sala de Leitura,

Pedagoga e Pós-graduanda em Relações Étnico-Raciais e Projetos Sociais. Atuo no município de Queimados, Rio de Janeiro. Desenvolvo meu trabalho com a finalidade de que a educação forme cidadãos antirracistas. Aprendemos durante muito tempo nos materiais didáticos com o que a elite decidiu o que deveríamos aprender e acredito que devemos aprender com as experiências de nossos pares. Sou uma mulher negra, nasci e morei em comunidades Rocinha, Airões (um povoado quilombola de MG), Cidade de Deus e atualmente moro em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense - Rio de Janeiro.

SOLANGE SANTANA: Solange Alves Santana nasceu em São Paulo/SP. É mestre em Ciência da Informação pela ECA/USP e formada em Letras e Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é produtora editorial e professora em um curso pré-vestibular comunitário. Publicou os livros de poemas “O chão em que piso”, em 2017, pela CBJE e “Quarentenas”, em 2020, pela Umojas. Organizou as antologias literárias “Passos Andantes” (2010) e “O outro voo da coruja” (2021), ambos pela CBJE. Participou de coletâneas literárias, entre elas, “Entrelinhas” (2008) e “Sentido Inverso” (2009) pela Andross Editora, “A matriz da palavra: o negro em prosa e verso” (2015) e “Eu sou o samba” (2016) pela Litteris Editora, “Palavreiras” (2019) pela Autografia Editora, e “Elas e as Letras: insubmissão ancestral” (2020) pela In-finita Editora.

SONALI SOUZA: Nasci em Mesquita, em 1962, atual município da região hoje conhecida como Baixada Fluminense, no Estado do Rio. Apaixonei-me pela leitura nos mais diferentes campos do conhecimento assim como da literatura. Comecei a garatujar poemas aos nove anos. Participei dos movimentos literários de Nova Iguaçu em fins dos anos 1970, 1980 e mantenho laços de afeto e produção lá. Estou residindo atualmente no Rio de Janeiro. Fiz a graduação em Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) e o mestrado em Antropologia Social com dissertação sobre os impactos sociais dos loteamentos em Nova

Iguaçu nos anos 1950-70 (Da Laranja ao Lote – PPGAS/MN/UFRJ). Sou mãe de um homem de 28 anos que trabalha, namora e estuda.

THAÍS ALESSANDRA: Escritora, autora e pesquisadora da Palavra (Per)formada, Poeta, Artivista, Documentarista, (Per)former e artista de múltiplas linguagens. Fundadora do Coletivo Cirandar (2010); (Per)former premiada pela 1ª Bienal Black Brazil Art com a (per)formance “Lugar de Fala?” (2019); Documentarista selecionada pelo evento nacional Cinema em Redes (2018) com o curta-documentário “Psiu... Isso Aqui Tem Graça!”; e Poetisa premiada pela Editora Trevo - edição de inverno da Poesia Agora (2020), com a obra Fragmentos de um Surto (2012). Participou de algumas coletâneas: “Escrituras Negras II: As Marcas”; “Escrituras Negras III: As pretas também amam”; “Sinergia; Diversidade Poética”; “Elas e as Letras: Semente. Presente”; “Mulheres das Águas II: coletânea de contos, crônicas e poemas” e “Poesia Agora”.

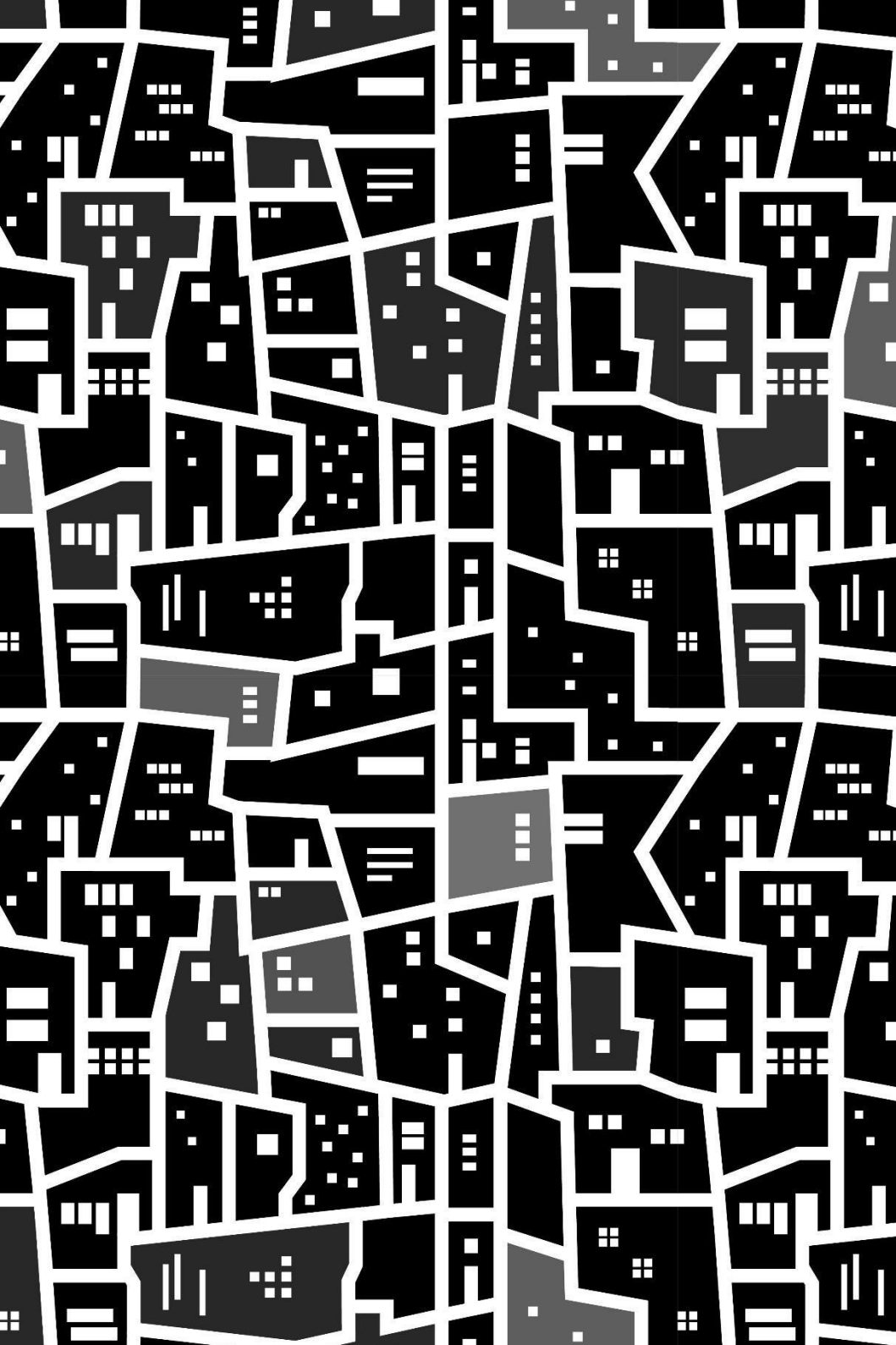
THAÍS COSTA DE FREITAS: Sou Thaís Costa de Freitas, Mulher, preta, feminista, brasileira, nordestina, baiana, conjacuiense, filha única, educadora, poetiza em formação, leitora. Sou formada em Licenciatura em Pedagogia e Especialista em Educação e Interdisciplinaridade pela UFRB e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEd/UESB. Busco a cada dia trilhar os caminhos da discussão da Educação de Jovens e Adultos. E acredito que formamos e somos formados no ato de educar

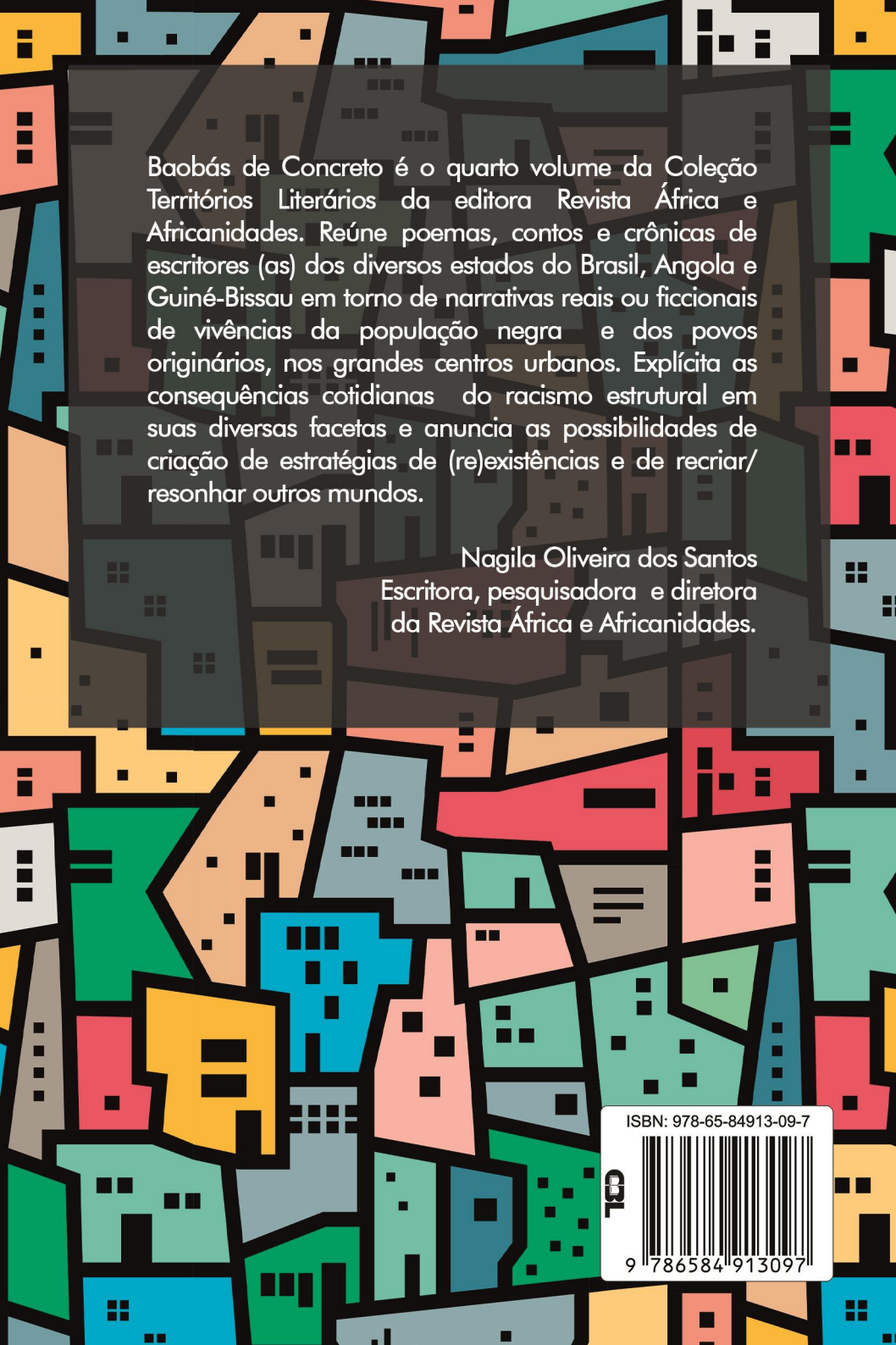
VIVIANE PENHA: Sou uma mulher preta, filha, mãe da Isadora e do João Pedro, pedagoga e professora antirracista na Educação Infantil no município do Rio de Janeiro.

YARA SEREYA: Atriz, bailarina, gestora Cultural e poeta feminina. Candomblecista, mulherista candace, filha de lansã. Participou do livro “Transvivências Negras: Entre afetos e aquilombamentos contando histórias afro-diaspóricas”. Fundadora da Rede Negra Indígena e do grupo FUFU (Família unida pela força do amor e da amizade), com a finalidade da revitalização da Praça Abrantes, a

Baobás de Concreto

transferência para o nome Praça Irlan Santana FUFA (Atleta e artista de rua de Camaçari). Atualmente é da comissão do movimento SOS Artistas de Camaçari. Lançou em 2022 o seu livreto “Sereya Enrayzada”.





Baobás de Concreto é o quarto volume da Coleção Territórios Literários da editora Revista África e Africanidades. Reúne poemas, contos e crônicas de escritores (as) dos diversos estados do Brasil, Angola e Guiné-Bissau em torno de narrativas reais ou ficcionais de vivências da população negra e dos povos originários, nos grandes centros urbanos. Explícita as consequências cotidianas do racismo estrutural em suas diversas facetas e anuncia as possibilidades de criação de estratégias de (re)existências e de recriar/resonar outros mundos.

Nagila Oliveira dos Santos
Escritora, pesquisadora e diretora
da Revista África e Africanidades.

ISBN: 978-65-84913-09-7



9 786584 913097